

NÓS DA ESCOLA

PREFEITURA DO RIO

EDUCAÇÃO MULTIRIO

**Linguagens,
criatividade
e educação**

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00062

Cesar Maia

Prefeito

Sônia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •

Maria Inês Delorme (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •

Martha Neiva Moreira (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéa Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** • **Bete Nogueira** (editora) • **Juliana Sartore**, **Fábio Aranha** e **Carolina Bessa** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque) • **Jorge Machado** (revisão) • **Alberto Jacob Filho** (fotografia)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

Adriana Simeone, **Aline Carneiro**, **David Macedo** e **Gustavo Cador** (designers)

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriainmultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Desenho de Daniella de Oliveira Aragão, 9 anos, Turma 301
Escola Municipal Ernesto Nazareth (9ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Pelo alfabetismo científico

12 parceria

Atribuições compartilhadas

13 carioca

Um novo olhar sobre o Rio

15 MULTIRIO na web

Viver on-line sem limites

17 olho mágico

Talento contra o preconceito

18 caleidoscópio

Uma proposta para reflexão

20 professor on-line

Cinema pela porta da frente

21 sala de professores

O saber-fazer com o brincar

24 rede fala

Desenvolvimento da linguagem em alunos especiais

26 capa

Desejar, experimentar... para criar

33 atualidade

Para entender o Ideb 2007

37 presente do futuro

Um hábito de riscos graves

40 pé na estrada

Leitura aliada ao prazer
Novos espaços para aprender

45 foi assim

Herança de sabores exóticos

47 machadiano

Olhar atento às novidades

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Criatividade na escola para a vida

O que é uma pessoa criativa? Muitos dos nossos professores usam os seus talentos criativos para desenvolver o trabalho de forma cada vez mais eficiente. Como a criatividade pode favorecer boas práticas de alunos e professores nas escolas? A facilidade com que circulam as informações contribui para isso? Confira o que os especialistas pensam a respeito em nossa matéria de capa.

Com criatividade, é possível aguçar a curiosidade infantil para diversos assuntos, como a ciência. Para falar sobre como estimular esse interesse nas crianças e despertar nelas um olhar crítico, em *Ponto e Contraponto* entrevistamos a pesquisadora Danielle Grynszpan, que trabalha com divulgação científica. Em *Machadiano*, novidades geniais foram tema da prosa de nosso grande escritor. Saiba como, no século XIX, os cariocas lidaram com novidades tecnológicas e de engenharia como o telefone, o bonde e a fotografia, entre outros.

Boas notícias em *Atualidade*. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, apurado pelo Ministério da Educação, apontou o crescimento do desempenho da Rede Municipal de Educação carioca de 2005 para 2007. Treze escolas de nossa rede já atingiram, inclusive, o índice de desenvolvimento da educação dos países desenvolvidos, indicado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, entidade que reúne os 30 países que produzem mais da metade da riqueza do mundo.

Desde a implantação do novo ciclo de formação, no ano passado, algumas escolas da rede vêm investindo na política de reagrupamento. Trata-se de uma estratégia que reúne alunos com dificuldades em turmas especiais. *Pé na Estrada* conta uma dessas histórias, que acontece na Escola Municipal Motorista Paschoal André, na Pavuna. Alunos com dificuldades em leitura e escrita são agrupados em uma dessas turmas, na qual várias linguagens os incentivam a se expressarem melhor e a compreenderem o mundo.

Outros cuidados com nossos alunos são abordados nas seções *Presente do Futuro* e *Rede Fala*. Na primeira, o assunto é tabagismo. Segundo pesquisas recentes, cerca de 90% dos tabagistas começam a fumar antes dos 19 anos. Diante deste dado, são apresentadas sugestões para que a escola possa contribuir para diminuir esse índice. O outro texto, assinado pela professora Cynara Máximo, fala sobre um momento mágico para todas as crianças: quando elas ingressam na escola.

Esperamos que as próximas páginas inspirem muitas atividades criativas e histórias a serem contadas aqui.



Sônia Mograbi

Secretária municipal
de Educação

Professor autor

O Núcleo de Publicações e Impressos (NPI) da MULTIRIO agradece o envio do livro *Paquetá - Registros da primeira Festa das Árvores e de seu centenário* (Rio de Janeiro, 2008), do professor José Cardoso de Andrade.

Errata 1

No cartaz que acompanha a revista nº 60, um dos personagens, identificado como Só Calendário, na verdade chama-se Só Candelário. Na mesma edição, na seção *Foi Assim*, apenas a primeira foto é de Alberto Jacob Filho. A segunda imagem, fornecida pelo Museu da Comlurb, pertence ao acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Errata 2

Na revista 61, na seção *Ponto e Contraponto*, onde aparece na segunda vez o nome da China, na verdade deveria constar o nome da Índia. O correto é "A China é considerada hoje um país com alto potencial de desenvolvimento, além de Brasil, Rússia e Índia – os chamados Brics".

Colecionador de nuances da natureza

O pintor francês Oscar-Claude Monet (1840-1926) aos 11 anos já era conhecido pelas caricaturas que fazia, nos arredores da escola secundária que freqüentava, na cidade de Le Havre. Tanto os pais como os professores o consideravam um menino indisciplinado, que só gostava de desenhar.

Logo depois da morte da mãe, abandonou a escola, aos 16 anos, e voltou à cidade natal, Paris, quando começou a copiar grandes mestres da pintura do Museu do Louvre.

Naquele mesmo ano, conheceu o pintor francês Eugène Boudin, que, além de iniciá-lo nas técnicas da pintura paisagística, ensinou-o a pintar ao ar livre, para captar melhor as cores e a luz, em diferentes horários do dia e em várias épocas do ano.

Em 1861, para conseguir dispensa do serviço militar na Argélia, matriculou-se na universidade para cursar Artes. Mas, decepcionado com o ensino da pintura acadêmica, foi estudar

com o artista suíço Charles Gleyer e conheceu Pierre-Auguste Renoir, Frédéric Bazille e Alfred Sisley. Juntos desenvolveram a técnica de pintar o efeito das luzes com rápidas pinceladas, o que mais tarde seria conhecido como impressionismo.

Anos mais tarde, em 1899, depois de ter passado por problemas financeiros e familiares, Monet construiu, em sua casa na cidade de Giverny, um lago e uma pequena ponte japonesa que o inspiraram a pintar a série chamada *Nenúfares*, da qual reproduzimos na quarta-capa o trabalho mais importante e que leva o mesmo nome da série. Essas obras, quando foram expostas, fizeram grande sucesso. Era o reconhecimento tardio de um gênio da pintura.

Impressionismo – Este foi um movimento artístico que surgiu na Europa no século XIX. O nome é derivado da obra *Impressão – nascer do sol* (1872), de Claude Monet, o mais célebre entre os pintores impressionistas.

A pintura impressionista tem como característica mostrar as tonalidades que os objetos adquirem ao refletir a luz, em um determinado momento, pois as cores da natureza mudam constantemente, dependendo da incidência da luz do sol.

Os autores impressionistas não se interessam por retratar fielmente a realidade ou retratar nobres, mas em ver o quadro como obra em si mesma. As pinceladas soltas tornam-se o principal elemento da pintura.

Entre os principais expoentes do impressionismo, estão, além de Monet, Edgar Degas, Seurat e Renoir.

Hoje, no Brasil, o representante mais expressivo do impressionismo é Washington Maguetas, que retrata paisagens tipicamente brasileiras em seus quadros. Mas, no início do século passado, Eliseu Visconti foi, sem dúvida, o artista que melhor representou os postulados impressionistas no Brasil. (CRISTINA CAMPOS)

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala, envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

Pelo alfabetismo científico

Fazer a ciência ser vista como processo de investigação humana, estimular a curiosidade, valorizar a observação e a postura crítica e criativa. São estes os pressupostos para desenvolver entre crianças e jovens o gosto pela ciência, na opinião de Danielle Grynspan, pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz e coordenadora no estado do Rio de Janeiro do projeto ABC na Educação Científica – Mão na Massa. O projeto privilegia uma atitude crítica e investigativa entre os alunos, com base em atividades experimentais e na exploração do meio ambiente à volta deles. Também promove o contato direto entre professores, cientistas e especialistas em didática das ciências. Tudo isso com o objetivo maior de melhorar a educação científica. Em entrevista à NÓS DA ESCOLA, Danielle reconhece que a ciência ainda é tratada como caixa-preta, dotada de verdades imutáveis. Segundo ela, para estimular nos jovens o que chama de “o gosto pela aventura do conhecimento”, é preciso promover um “letramento científico” que leve em conta a diversidade cultural. Além disso, a pesquisadora enfatiza a importância do educador como mediador no processo de ensino-aprendizagem. E deixa claro: “É preciso investir muito na formação do professor”.





Qual é o maior desafio quando se fala em ciência para alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio?

É desenvolver entre eles um processo de alfabetização científica que privilegie uma visão da ciência como meio de investigação humana. Infelizmente, a ciência ainda é apresentada como se fosse uma caixa-preta impessoal, de fatos indiscutíveis descobertos por gênios. Como, então, provocar a percepção de que ela é dinâmica e não um conjunto de verdades imutáveis? Como formar cidadãos que entendam que o desenvolvimento científico é produzido por pessoas e permeado por influências históricas, sociais, culturais e políticas? Uma perspectiva científica humanista pressupõe a preocupação com uma ciência que leve em conta as identidades regionais e a diversidade de culturas. A ciência é universal, mas, ao mesmo tempo, produto da diversidade de opiniões e resultante de forças nem sempre convergentes. Fomentar uma visão que permita várias respostas a uma mesma questão, todas elas consideradas científicas, é o grande desafio, seja no Ensino Fundamental, seja no Médio.

Na Educação Infantil, o conhecimento científico é pouco trabalhado. Na maioria das vezes, restringe-se a atividades como plantar sementes de feijão e perceber ciclos naturais como dia e noite, vida e morte e estações do ano. Qual seria a abordagem apropriada a crianças dessa faixa etária?

Estou orientando uma tese de doutorado que explora este tema. A tese defende a importância da educação científica desde a Educação Infantil, estimulando a curiosidade da criança e valorizando o ato de observar bem as coisas a sua volta. Essas observações devem dar origem a uma cadeia intermitente de perguntas, respondidas pelas crianças, em um processo real de ensino-aprendizagem. A observação orientada por perguntas e a interação entre os sujeitos do processo incentivam o enfrentamento dos desafios cognitivos e podem ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

estabelecer relações entre dados ou temas cujas relações não tivessem antes a possibilidade de ser desveladas. Vale destacar aí um ponto essencial: o papel do professor (ou outro tipo de educador) como mediador do processo de ensino-aprendizagem. A idéia é que temas ligados às ciências da natureza – especialmente os que falam da realidade do entorno escolar – sejam abordados nos diferentes níveis. Isso se quisermos ser coerentes com uma visão que valorize a contextualização do fazer científico na sociedade e instigue a curiosidade infantil a se interessar por seu cotidiano e por questões consideradas universais, como o ciclo dos dias e das noites ou do desenvolvimento dos seres vivos. Então, como estimular práticas de ciências nas escolas, especialmente na Educação Infantil? Eis a questão! Plantar sementes de feijão pode ser uma atividade riquíssima, se não se restringir apenas à simples observação pontual e em nível absolutamente operacional. Por exemplo, podemos começar pela questão-desafio: “O que você acha que vai acontecer quando colocarmos na terra o feijão que você trouxe?” Este tipo de indagação gera um ambiente de estímulo à proposição de hipóteses ou predições. O objetivo é integrar a educação científica à Educação Infantil, sob a forma de letramento em ciência, tendo em vista um trabalho educacional que leve em conta diferentes contextos sociais e culturais. Espero com isso estar favorecendo uma postura crítica e o desenvolvimento do raciocínio. Procurando oferecer, desde o início da formação do educador, a idéia de uma ciência integrada, que releve tanto coisas do cotidiano como crenças e concepções dos agentes socioculturais.

O que mais pode ser feito?

Trabalhar com base nas concepções infantis. Algumas crianças podem ainda não escrever, mas fazem desenhos muito expressivos, ou demonstram seu raciocínio de outras maneiras. Nesses desenhos, às vezes, aparecem plantas completamente formadas dentro das sementes (que poderíamos comparar à representação das antigas crenças em homúnculos, seres completamente constituídos dentro de um gameta humano). Se existir um acompanhamento da germinação e do crescimento – com observações e registros, e desafios apresentados a serem

enfrentados em um processo de construção de conhecimento compartilhado –, isso dará oportunidade a um processo fértil de educação. O mesmo acontecerá com o conceito de ciclo. É fundamental trabalhar esse conceito, já que os ciclos permitem entender muitas coisas que ocorrem na natureza. Mas o educador precisa ter uma boa formação para trabalhar essa idéia de que há sempre transformações no tempo e espaço: “Por que há um sol e ele desaparece? Apagaram a luz, como se houvesse um interruptor natural?” Já a noção de ciclo da vida, do nascimento, do desenvolvimento e morte dos seres implica um trabalho com a afetividade, além de um trabalho com a idéia de que existe um ciclo natural, biológico, do qual a morte faz parte. Outras questões podem ser exploradas, como os tipos de desenvolvimento, se direto ou indireto, se existem formas diferentes em fases distintas da vida. Na nossa cultura, aprendemos que devemos matar as lagartas porque elas podem nos queimar, mas as borboletas, que são derivadas das lagartas, podem viver e são muito apreciadas. Ou seja, precisamos trabalhar muito na formação dos educadores ligados à Educação Infantil. Para poder criar, com eles, uma proposta que proporcione oportunidades para o processo de ensino-aprendizagem em uma fase tão importante do desenvolvimento da pessoa, em termos de questionamento e criatividade.

Que dificuldades enfrenta a “tradução” de conceitos científicos, muitas vezes complexos, para o público leigo, especialmente o público jovem?

Fazemos um esforço para proporcionar a apropriação social do conhecimento. Mais do que traduzir ou decodificar conceitos, tentamos deslanchar um processo de alfabetismo científico, ou seja, de um letramento em ciência que leve em conta a diversidade das culturas. É preciso levar em conta a diversidade dos públicos para transpor barreiras culturais que às vezes dificultam ou impedem a manifestação do interesse científico – inclusive entre os jovens. Especialmente no Rio de Janeiro, onde sou responsável pela coordenação do Programa ABC na Educação Científica – Mão na Massa, procuramos estimular a atitude crítica e o espírito questionador, tão característico dos jovens.



Acredito que a educação em ciência deve contribuir para a formação do cidadão e para uma perspectiva humanista do desenvolvimento científico, possibilitando aos jovens a construção de conhecimentos em um processo de ensino-aprendizagem que lhes possibilite trazer à tona questões que lhes interessam ou angustiam, como poluição, transgênicos ou assuntos relacionados a reprodução e sexualidade. Trabalho intensamente com jovens do Ensino Médio, na formação de professores, porque eles vão poder orientar seus futuros alunos do Ensino Fundamental na problematização e desenvolver com eles um ensino investigativo. Esse trabalho valoriza o estímulo a perguntas desafiadoras e ao compromisso com a construção coletiva de respostas. Mais importante do que alcançar uma resposta considerada única, é saber fazer perguntas. Graças ao desenvolvimento científico-tecnológico incessante, as respostas ditas “certas” podem mudar.

Como fazer com que crianças e adolescentes se interessem pela ciência e desenvolvam o pensamento científico?

Podemos estimular alunos de todas as idades em atividades experimentais na escola e na exploração do meio ambiente a sua volta. Pensar

cientificamente significa, em essência, poder questionar o que se vê ao redor, procurando entender a lógica e procurando possíveis explicações. É por isso que a metodologia investigativa que utilizamos em nosso trabalho é importante. Partimos sempre de desafios, valorizando as idéias iniciais, hipóteses e representações dos alunos sobre o tema. Eles são convidados a registrar sistematicamente suas observações e a trabalhar em grupo, o que lhes dá oportunidade de aperfeiçoar a argumentação e a formular novas questões. Por exemplo, há algumas atividades mais adaptadas à sala de aula e outras mais ligadas ao entorno físico e social da escola. É preciso pensar estratégias que promovam tanto o desenvolvimento da criatividade no ensino das ciências da natureza como a interação horizontal entre as diferentes áreas do saber. No mais, elaboramos materiais inéditos, sempre buscando a integração da ciência às culturas locais. Também podemos trabalhar temas ligados à educação científica para provocar o debate sobre questões globais, como, por exemplo, as relacionadas à genética e à ética, porque a educação em ciência deve ser contextualizada e também compreendida como um pressuposto para o exercício da cidadania e para a inserção na cultura universal. É preciso ►

ênfatisar também a importância da contribuição dos pesquisadores à sociedade como parceiros de projetos educacionais, evidenciando o papel de uma ciência desenvolvida em uma perspectiva humanista e menos cientificista.

Qual a importância dos museus e centros de ciência no apoio à difusão do pensamento científico nas escolas?

Museus e centros de ciência são iniciativas diferentes, muito embora estejam comprometidos com a democratização do conhecimento. São a base para um futuro sustentável e podem ser vistos como instituições que desenvolvem um esforço em prol do reconhecimento da ciência como parte do patrimônio cultural de um país. A parceria dessas instituições com as escolas é vital para um processo de ensino-aprendizagem mais efetivo, ligando a educação formal à não-formal. Nos museus e centros de ciências, você pode trabalhar de forma interdisciplinar, com maior facilidade do que na escolas, porque eles podem assumir um papel complementar à educação formal na medida em que suprem o trabalho das escolas com atividades experimentais ou artísticas, ou ainda com possibilidades de exploração de seus acervos – no caso dos museus de História Natural, por exemplo. O grande desafio hoje é justamente popularizar esses espaços, com uma preocupação com as identidades regionais e com a diversidade das culturas, isto é, em uma perspectiva humanista da ciência. Em suma, a integração de museus e centros de ciência com as escolas pode co-

laborar para o que chamamos de alfabetismo científico, um processo intermitente de letramento em ciência que, a meu ver, representa uma condição indispensável à formação de uma democracia ativa e efetiva. Portanto, é um desafio educacional para o terceiro milênio. Desde 1990, as Nações Unidas batem forte na tecla de que o centro da pobreza não é a carência material, mas a exclusão, no sentido de falta de oportunidade de acesso à informação e à utilização crítica e criativa do conhecimento. Sabendo pensar, questionando a realidade, sendo inventivos, alguns seres humanos podem se tornar mais capazes do que outros de interferir no destino da humanidade, sem que a maioria esteja ao menos preparada para opinar. Dessa forma, um processo de alfabetismo, hoje, já embute não apenas o conhecimento, mas a ética do conhecimento, porque os avanços da ciência, mesmo sendo fantásticos, especialmente no campo das ciências da vida, também trazem riscos.

Visitas a museus e planetários são bem aproveitadas pelos professores? O que fazer para utilizar melhor esse recurso?

A grande questão é fomentar a parceria entre essas instituições e as escolas, ou seja, estabelecer processos educativos que aproveitem de maneira integrada os potenciais de todas as instituições. Muitas vezes, a utilização de um espaço de museu é vista como visita, um evento isolado e desconectado do trabalho educativo. Entretanto, uma mudança filosófica importante na condução política dos museus e planetários fez com que a divulgação científica passasse a ocupar um lugar de destaque. É preciso estimular um trabalho de parceria com os profissionais dessas instituições – cientistas, astrônomos e educadores – para que os recursos dos museus sejam mais bem aproveitados, reforçando o processo de alfabetismo científico. Além disso, as exposições dos museus não podem transmitir informações científicas sem levar em conta os diferentes tipos de saberes, além do acadêmico. Museus e planetários devem trabalhar em parceria com programas de educação científica voltados ao letramento em ciência, evitando uma atitude de popularização que signifique apenas a apreensão das informações com aceitação acrítica. Isso pode dar a impressão de não haver uma preocupação



real com a apropriação de conhecimentos pelo povo, e sim com a consagração da imagem pública da ciência como superior. Fica evidente, então, o que poderia ser apontado como um efeito perverso da popularização da ciência: se o público não-especialista não consegue compreender a mensagem transmitida, dados os códigos diferentes utilizados dentro e fora da comunidade científica, não ocorre um compartilhamento verdadeiro do saber, como muitas vezes é oficialmente propagado.

Qual o papel da cobertura jornalística na divulgação científica? Ela é uma aliada na popularização da ciência?

Ela pode contribuir muitíssimo para fortalecer uma ação cultural científica. Esse esforço deve congregiar representantes tanto das chamadas ciências duras, quanto das ciências sociais e humanas, além de jornalistas. Perfis e potenciais podem se complementar para que se reforce cada vez mais o processo de alfabetismo científico. Tenho estudado e observado a importância dessas alianças, mesmo em outros países. Na França, houve um movimento que uniu componentes com perfil científico que modificaram o seu projeto de popularização, levando em conta também técnicas de animação e comunicação. De outro lado, animadores culturais, ativistas antagônicos à utilização da energia nuclear e alguns cientistas (cujas militância era ligada a uma perspectiva transformadora da sociedade) uniram-se em uma associação que convergiu para um trabalho ligado à divulgação científica. Esses antigos militantes, hoje, eventualmente concordam que a difusão científica exige um preparo específico. Penso que também os jornalistas precisam de um preparo específico, mas o principal é pensar sempre que a cobertura jornalística (se realizada em parceria com cientistas e pesquisadores de várias áreas do conhecimento) pode contribuir bastante para a sua divulgação, inclusive das próprias iniciativas que são realizadas nesse sentido. A comunicação da ciência está entrelaçada com a problemática da difusão do conhecimento.

Professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental não têm formação específica. Entre os especialistas do segundo segmento e do Ensino Médio,

muitos ficam presos a livros didáticos.

Como mudar esse quadro? O que se pode fazer para fugir da estagnação?

É preciso investir muito na formação dos professores. Há iniciativas sérias sendo realizadas no Brasil. Estou diretamente envolvida com o projeto ABC na Educação Científica – Mão na Massa no estado do Rio de Janeiro. Como trabalhamos especialmente com escolas públicas, buscamos parcerias com as secretarias de Educação. Começamos nos dedicando ao primeiro segmento do Ensino Fundamental, para ajudar no reforço à formação dos professores em ciências. Hoje já atuamos também no segundo segmento e no Ensino Médio, principalmente, na modalidade de formação de professores. Este projeto estimula a formulação de questões sobre a realidade concreta, a elaboração de predições e o teste das hipóteses levantadas, ao mesmo tempo em que favorece um ambiente propício ao debate de idéias e ao desenvolvimento da capacidade de argumentação através da confrontação de opiniões entre os educandos. Estimulamos o letramento em ciência e em um processo de formação continuada, que tem a preocupação de favorecer um ambiente investigativo e um contato direto entre professores das redes de ensino, cientistas e especialistas em didática das ciências. Estimulamos também a criatividade, inclusive a produção de estratégias e materiais educativos inéditos com a participação dos professores. Buscamos, inclusive, elaborar os materiais como produto de pesquisa realizada pelos próprios professores envolvidos, que levantam dados sobre o conhecimento, crenças e opiniões na comunidade escolar sobre os assuntos tratados. Com o aumento acelerado da influência da ciência no cotidiano, acreditamos que o grande desafio neste milênio é contribuir para diminuir a distância entre o acúmulo crescente de conhecimento acadêmico e a quantidade e a qualidade do que chega aos diferentes públicos. Foi por isso que a nossa equipe se uniu em torno de uma proposta educacional que tem por objetivo a aproximação entre cientistas e professores, potenciais mediadores de ciência. Convido a todos que quiserem conhecer mais o trabalho que desenvolvemos a visitar o [site www.ioc.fiocruz.br/abcnaciencia](http://www.ioc.fiocruz.br/abcnaciencia). Futuros parceiros são sempre bem-vindos. ■

Atribuições compartilhadas

Simpósio organizado pela SMS discutiu os papéis reservados aos pais na educação dos filhos

TEXTO
FÁBIO ARANHA

É muito comum ouvir falar dos desafios e das experiências das mães na criação dos filhos. Mas os homens também passam por momentos desafiadores em suas vidas quando se tornam pais. E é exatamente para falar dessa experiência masculina que a Assessoria de Promoção da Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), realizou em 13 de agosto o simpósio Paternidade, Singularidades e Políticas Públicas, no auditório do CASS, na Cidade Nova.

O evento foi planejado pela Macrofunção Vida, grupo de trabalho da Prefeitura do Rio criado em 2001 para a implementação de políticas públicas voltadas à saúde e aos direitos reprodutivos. “A ênfase na paternidade surgiu da necessidade de valorizar e fortalecer a participação do pai no cuidado com crianças e adolescentes, contribuindo, assim, para o desenvolvimento dos filhos, do homem, da família e da sociedade”, afirma a coordenadora da assessoria, Viviane Castello Branco, que também preside a macrofunção.

A psicóloga Maria Luiza Carvalho, da maternidade-escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que falou em sua palestra sobre o pai que cria sozinho os filhos, julga importante trabalhar com profissionais da saúde, da educação e da justiça para mudar a visão centrada na mulher, que é insuficiente, segundo ela, para os tempos atuais. “É preciso valorizar a idéia de que homens podem ser bons cuidadores. As três esferas [saúde, educação e justiça] continuam a trabalhar com a noção das mulheres como responsáveis pelos cuidados com as crianças, apesar de muitas delas já estarem inseridas no mercado de trabalho”, explica a pesquisadora, cujo doutorado versou sobre pais cuidadores.

Ela defende, também, que é preciso mudar as práticas estabelecidas pelas maternidades, demandando-se também a participação dos homens no pré-natal, nos partos, na pediatria e nos cuidados com os bebês. Com as

mulheres no mercado de trabalho, reconhece, os homens precisam estar preparados para alimentar bebês e trocar fraldas, por exemplo. No entanto, eles se sentem mal, desvalorizados por exercerem tarefas tidas como tipicamente femininas, o que por si só já dá conta de como é necessário mudar o foco da sociedade sobre o assunto.

Bons cuidadores – A escola tem pela frente o desafio de construir reuniões que também interessem aos homens. “Não pode ser um clube da Luluzinha. Nas séries iniciais, normalmente, as professoras falam apenas para seus pares – as mães”, comenta Viviane. Ao valorizar o pai como bom cuidador, a Justiça terá, segundo ela, uma avaliação mais precisa das condições de pais e mães no cuidado com os filhos. “Muitas vezes, o pai tem melhores condições emocionais do que a mãe para cuidar das crianças. Só o fato de ser mulher não garante a qualidade do cuidado”, destaca, acrescentando que a nova legislação sobre a guarda compartilhada é um avanço na recuperação do papel do homem como pai após a separação.

Luiz Fernando Moreira, da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, também fez palestra no evento, sobre a experiência do pai negro, discutindo questões ligadas a identidade e preconceito. Outro palestrante foi Gary Barker, do Instituto Promundo (ONG que promove a equidade de gênero e previne a violência contra crianças, jovens e mulheres no Brasil e no mundo), que falou a respeito da relação entre paternidade e trabalho a partir de aspectos como o cuidado à criança visto como trabalho; o modo pelo qual a sociedade vê o pai que não trabalha e cuida dos filhos; e a relação entre empregadores e pais, incluindo discussões sobre legislação e políticas públicas. Por último, o público presente ouviu o depoimento de um pai que concilia a criação dos filhos com os estudos. ■

Um novo olhar sobre o Rio

Blog da Prefeitura inova ao reunir notícias, curiosidades e relatos históricos dos bairros da cidade



Os cariocas já têm um *point* virtual para saber das novidades e conhecer a história de lugares da Cidade Maravilhosa. Por iniciativa da Prefeitura, está no ar, desde junho, o blog Bairros do Rio, no endereço <http://www.rio.rj.gov.br/bairrosdorio>. As matérias são apresentadas em formato de *post*, com data, assunto e espaço para comentários. No *site*, há textos que falam da história da Barra da Tijuca, da vocação econômica de Campo Grande ou da candidatura da Feira de São Cristóvão a Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, além de informações sobre ações da Prefeitura.

De acordo com Vera Mangas, assessora da Secretaria Municipal de Publicidade, Propaganda e Pesquisa (Seprop), havia, por parte dos cidadãos, uma demanda de informações sobre os bairros do Rio, como sua programação cultural ou mesmo episódios pitorescos ocorridos no passado. “Queremos levantar a auto-estima dessas pessoas e fortalecer a sua identidade cultural”, afirma Vera. Por isso, a idéia é abrir um espaço também para a publicação de matérias sobre personalidades desses bairros.

Os leitores podem enviar comentários, sugestões de temas, curiosidades ou mesmo ajudar a alimentar a página com matérias pro-



duzidas por eles próprios. O objetivo é que o Bairros do Rio seja um espaço de informação e não de reclamações, já que para isso existem as ouvidorias municipais. O *site* está sendo construído aos poucos, à medida que vão chegando as informações. Por enquanto, a lista dos bairros do Rio ainda está incompleta. Para conferir se o ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

IMAGEM DO SITE

REPRODUÇÃO

seu bairro já foi incluído, basta tentar localizá-lo na barra à esquerda da página.

Segundo a assessora da Seprop, por enquanto Santa Cruz é o bairro com maior volume de informações no *site*, porque os moradores ficaram entusiasmados com o projeto e colaboraram com tudo o que sabiam sobre o lugar. Entre os textos enviados, está um que conta que o bairro nasceu com a chegada de Cristóvão Monteiro, primeiro ouvidor da cidade do Rio de Janeiro, e fundador da Real Fazenda de Santa Cruz, que tomou posse das terras em 1567. Outro texto informa que em 1936 foi construído no local hoje ocupado pela Base Aérea de Santa Cruz um hangar para dirigíveis.

Na página, é possível descobrir que a ocupação da Barra da Tijuca e de Jacarepaguá começou em 1594. Duas sesmarias foram concedidas pelo então governador do Rio de Janeiro, Salvador de Sá, aos filhos Martim e Gonçalo. As terras de Gonçalo foram doadas por sua filha Victória ao Mosteiro de São Bento. Os monges beneditinos tomaram posse da área em 1667 e nela fundaram fazendas com plantações de cana-de-açúcar e de mandioca e criação de gado.

Quem passa pela Avenida Cesário de Melo, na esquina com a Rua Olinda Ellis, em Campo Grande, não entende por que existe ali uma escultura abstrata, denominada *Laranja*, que sugere fatias da fruta. Isso tem a ver com a economia local. Até meados do século XX, Campo

Grande e Santa Cruz integravam a região rural da cidade e eram responsáveis pela produção de legumes, verduras e frutas, com destaque para o cultivo da laranja.

Fazendo uma viagem virtual pela Zona Norte, é possível encontrar *posts* sobre o bairro do Méier. Um deles informa que o Jardim do Méier foi urbanizado em 1916, e nele foram instalados um coreto de madeira e uma cascatinha em *rocaille*, tipo de decoração que utiliza rochas e conchas. A última reforma no jardim foi realizada em 1992, quando foi retirado o chafariz e foram adicionadas grades, a pedido dos moradores. Seu nome é uma homenagem a Augusto Duque Estrada Méier, dono das terras antes de serem doadas ao governo.

Se pensarmos no bairro de São Cristóvão, nos vem logo à mente um dos mais conhecidos espaços populares de entretenimento: o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, onde funciona a Feira de São Cristóvão. Por sua importância histórica, um comitê de feirantes local coordena um movimento em prol do registro do espaço como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Para fortalecer a candidatura, foi realizada uma festa para doação do acervo fotográfico e documental da feira ao Iphan, com a presença de repentistas, quadrilhas e trios de forró.

Os moradores da Zona Sul também receberam boas notícias pelo blog, como a restauração do Chafariz das Saracuras, na Praça General Osório, em Ipanema. A obra, esculpida pelo Mestre Valentim, em 1795, foi tombada pelo Iphan em 1938. A reforma devolve ao monumento suas dimensões originais, bem como suas saracuras e tartarugas em bronze, que foram furtadas em 2006. O chafariz foi instalado quando o Brasil ainda era colônia. Antes alocado no Convento d'Ajuda, no Centro, foi transferido em 1917 para a praça de Ipanema.

O blog dos bairros cariocas já é um sucesso, por conta das atualizações rápidas e freqüentes. Quem mora em localidades que ainda não figuram no *site*, como Cascadura, Copacabana, Vila Isabel e Vila Valqueire, pode ajudar a inaugurar as seções dedicadas a esses bairros e deixar para a posteridade histórias bacanas, dicas culturais e até fatos pitorescos sobre o cantinho onde vive. ■

Todas as regiões da cidade estão contempladas no blog, como a tradicional Igreja da Penha



Viver on-line sem limites

Navegar na internet, em um futuro próximo, será coisa do passado. Em breve, as pessoas começarão a *viver* na rede. Com a proliferação das áreas com acesso wi-fi (sem-fio) à internet de alta velocidade, estar permanentemente on-line será tão comum quanto ter o telefone celular sob a área de cobertura. Segundo o professor da PUC-Rio, Daniel Schwabe, coordenador do Laboratório de Web Engineering da universidade, essa já é uma realidade em cidades dos Estados Unidos e da Europa. “Muitas já são integralmente cobertas por redes wi-fi, sejam elas públicas ou privadas. No Vale do Silício (San Jose, Califórnia), as próprias pessoas sustentam as redes. Algumas têm o acesso e o franqueiam a quem quiser”, diz.

TEXTO

IVAN KASAHARA, EDITOR DE

CONTEÚDO DO PROGRAMA

SÉCULO XX1

ILUSTRAÇÃO

CLÁUDIO GIL

Embora difíceis de serem previstas, as mudanças de hábitos em uma sociedade on-line são inevitáveis. “A mudança fundamental é que haverá um maior nível de comunicação. Dentro do contexto da Web 2.0, no qual o usuário também produz conteúdo, as possibilidades aumentam, pois quanto mais indivíduos conectados, melhor. A informação circulará mais agilmente. Por exemplo, os motoristas poderão informar rapidamente a situação do trânsito ou o surgimento de situações anormais para um grande número de pessoas. Não há como prever, mas os processos de comunicação serão mais dinâmicos”, acredita Schwab, para quem os principais meios de acesso do brasileiro à rede sem-fio serão os dispositivos móveis, como o telefone celular.

No Rio de Janeiro, aeroportos, restaurantes e hotéis são exemplos de locais que oferecem a seus freqüentadores a possibilidade de conexão wi-fi. Desde julho, a Praia de Copacabana, do Leme ao Posto 6, também faz parte dessa lista, após a implementação do projeto Orla Digital, desenvolvido pela Coppe/UFRJ, financiado pela Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia (SECT) e apoiado pela Prefeitura do Rio. Em 2009, a área de cobertura do Orla Digital será estendida do Arpoador até o Recreio. ▶



Antes disso, até o fim deste mês, o acesso sem-fio gratuito também será disponibilizado, em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), na Baixada Fluminense, em uma área que compreende os municípios de Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Seropédica, Itaguaí e parte de Magé. “A intenção não é disputar espaço com os provedores, mas democratizar o acesso à internet e disponibilizar conteúdo relevante”, explica o titular da SECT, Alexandre Cardoso. Para isso, a UFRJ e a UFF estão desenvolvendo sites e aplicativos sobre terceira idade, tecnologia e ciência para a população da orla e sobre ensino técnico e saúde para a população da Baixada.

Para Cardoso, alguns benefícios à população serão imediatos. “Algumas empresas, grandes recrutadoras de mão-de-obra, só aceitam currículos pela internet, o que dificulta a situação de muita gente. As filas em alguns serviços públicos diminuirão porque o atendimento poderá ser marcado pela rede. Esses são apenas pequenos exemplos de mudanças”, prevê o secretário.

As transformações serão muitas, mas não somente para melhor. Também será necessário adquirir hábitos que garantam a segurança de informações transmitidas pela internet. “O usuário deve pensar que utilizar uma rede wi-fi aberta é como falar em voz alta no meio da rua. Neste caso, a responsabilidade é dele, não tem como ser do provedor da rede. É necessário ter cuidados especiais no caso de dados e mensagens particulares, como o uso de criptografia e de determinados protocolos e softwares”, alerta o professor Schwabe. ■



Talento contra o preconceito

Documentário *Cortinas* lança olhar sobre expressão artística de jovens com necessidades especiais

A obviedade dos rótulos sociais que geralmente estigmatizam os portadores de necessidades especiais dá lugar à descoberta de múltiplos talentos e capacidades no documentário *Cortinas*, produzido pela MULTIRIO. Novidade na programação da produtora na TV, o filme, de cerca de 26 minutos, lança um olhar sobre a sensibilidade envolvida no processo de aprendizagem na Escola Especial Municipal Marly Fróes Peixoto (2ª CRE), no Jardim Botânico.

Cortinas apresenta o projeto de espetáculos teatrais da escola, que vem transformando vidas de alunos, pais e professores. Nele, os alunos aprendem a se expressar e conhecem seus próprios movimentos por meio da dramaturgia. Eles são protagonistas de duas histórias: a ficcional e a trajetória de superação em suas próprias vidas. Para revelar a beleza de cada passo dessa descoberta, o documentário mergulha no processo de ensaios e apresentações sob um olhar que desfaz estigmas. As cenas mostram os bastidores dos espetáculos, o empenho dos alunos em realizar movimentos para dar vida a um personagem e o envolvimento de pais e funcionários para que os alunos possam mostrar todo o seu potencial.

Segundo o diretor da produção, Abelardo Lima, o filme traz uma visão desafiadora sobre a deficiência. “O trabalho teatral feito na escola é pedagógico, voltado ao desenvolvimento dos alunos. Mas o vídeo propõe muito mais do que documentar isso. O objetivo é desvendar esse mundo e quebrar tabus relacionados à vida de quem tem deficiência. Como diretor, tentei que a produção não se transformasse em um trabalho de piedade, e sim mostrasse que aquela é a realidade deles; é uma vida cheia de possibilidades, como a de qualquer pessoa.”

A E. E. M. Marly Fróes Peixoto atende 52 alunos com múltipla deficiência, que associam dificuldade de visão, audição, motora ou mental. A maioria dos estudantes tem paralisia cerebral, e todos recebem tratamento especial, com uma

abordagem pedagógica adequada às suas especificidades. “Procuramos desenvolver habilidades como a comunicação, o vínculo afetivo e a expressão do pensamento. E a arte tem prioridade máxima, porque não impõe obstáculos nem limites. Você pode se expressar e interpretar um papel da sua maneira, o que é fundamental para esses alunos. Além disso, a memória está muito ligada à emoção”, diz a professora responsável pelo trabalho teatral da escola, Simone Vasiliev.

Foi Simone quem sugeriu o nome do documentário. A palavra *Cortinas* remete à idéia de uma realidade encoberta, escondida pelo preconceito associado ao portador de necessidades especiais. É como uma barreira entre quem olha e o que é olhado que o documentário procura abrir, desafiando uma nova maneira de enxergar o outro.

A experiência teatral na escola começou como uma forma de permitir a expressão corporal prazerosa, o uso do corpo como instrumento de arte e o movimento livre, longe da rotina de exercícios corretivos a que geralmente os alunos são submetidos. Mas a participação dos estudantes foi muito além. Eles encenavam, interpretavam, improvisavam, emocionavam-se, fantasiavam. Começaram a produzir arte. Em seis anos, foram sete montagens: *O pagador de promessas*, *A bruxinha que era boa*, *Noel Rosa – ilustre visitante*, *Morte e vida severina*, *Cartola – o menestrel*, *Sobre as águas do mar* e *Cinematográficos!*. Hoje, a equipe em cena já envolve 70 pessoas. O documentário aproxima o público desse teatro inclusivo, capaz de valorizar o aluno especial.

“O filme é muito válido, principalmente, no sentido de mostrar o potencial desses alunos, que, muitas vezes, são desacreditados. Nesse trabalho, fica bem nítido o quanto eles são capazes, e podemos mostrar aos professores as possibilidades da Educação Especial. Basta ter um olhar diferenciado”, afirma a diretora da Marly Fróes Peixoto, Marcia Carvalho. ■

TEXTO

JULIANA SARTORE

Uma proposta para reflexão

A formação continuada contribui para aperfeiçoar a ação pedagógica no contexto escolar



TEXTO **Certo dia...**

EQUIPES DA SME E DA MULTIRIO

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

Se um projeto está em constante mudança, ele nunca se concretiza, certo? Errado! Pelo menos, é assim que vemos a dinâmica da escola onde estou diretora: uma contínua construção do aprendizado.

Localizada na Zona Oeste da cidade, em uma região afastada do Centro e da movimentação dos bairros mais populosos, a escola é situada em uma rua que foi asfaltada há menos de um ano, mas ainda é um pesadelo para os poucos carros e o Ônibus da Liberdade que nela transitam, pela quantidade de buracos!

Nem a distância nem o trajeto acidentado são suficientes, entretanto, para minar o entusiasmo que transborda das equipes da direção e de professores que atuam na unidade. As dificuldades são muitas e os desafios, incansáveis, mas a dinâmica pedagógica que se quer implantar visa manter a motivação dos alunos sempre em alta. Entendemos que contar com a boa disposição e o entusiasmo da garotada produz excelentes efeitos e contribui significativamente para o sucesso da aprendizagem.

Questões, tensões, reflexões

Foi com base em valores fundamentais à boa convivência – respeito, solidariedade e cidadania

– que a equipe da escola pautou toda a prática pedagógica a ser desenvolvida neste ano letivo. Para isso, contou com a participação de todos os atores da comunidade escolar: pais, alunos, funcionários, professores e diretores. Todos envolvidos na proposta de reviver, no dia-a-dia, valores por vezes tão relegados. São atividades lúdicas e artísticas, jogos e brincadeiras, textos e debates.

Tudo planejado e acordado por todos, em centros de estudos ou em outras reuniões pedagógicas.

Claro que não conseguimos unanimidade em tudo e em todas as horas, mas embates respeitosos e com vistas ao sucesso da escola dão lugar a reflexões e transformações significativas para o bom desenvolvimento do trabalho.

Os possíveis porquês

A competência docente não pode ser considerada inata, um dom, ou neutra, mas construída e situada em um tempo e espaço. Desta forma, varia nos diferentes momentos históricos e sociais.

Há algum tempo, acreditava-se que, terminada a graduação, o profissional estaria apto a atuar na sua área para o resto da vida. Hoje, todo profissional deve estar consciente de que

a sua formação é contínua e contextualizada de acordo com os desafios encontrados no seu dia-a-dia.

É necessário que os educadores busquem continuamente informações e reflexões teórico-práticas que os ajudem a organizar as turmas, a formar agrupamentos que favoreçam a aprendizagem, para uma prática social mais competente, crítica e transformadora.

A formação continuada, além de outros, tem como objetivos propor novas metodologias e colocar os profissionais em contato com as discussões teóricas atuais, visando contribuir para as mudanças que se fazem urgentes para a melhoria da ação pedagógica na escola. É papel de cada professor estabelecer com seu grupo o conjunto de valores, ideologias, conteúdos, crenças e rotinas que respeitem e valorizem a realidade sociocultural dos alunos, além de favorecer a ampliação das informações e dos conhecimentos historicamente constituídos pela humanidade.

Os grupos de estudo na escola devem ser organizados em função das necessidades observadas no processo de ensino e aprendizagem. A prática pedagógica deve ser questionada, problematizada, avaliada, constantemente, a fim de buscar o sucesso para todos os envolvidos no processo: alunos, professores e responsáveis.

É claro que as respostas aos problemas não serão encontradas somente na teoria, mas na reflexão do grupo, na qual a experiência dos professores, aliada ao estudo, oferecerá alternativas de como lidar com as dificuldades que surgem no cotidiano escolar.

O mais importante é instalar, no corpo docente de cada escola, a capacidade de agir, pensar e transformar a ação pedagógica em um processo contínuo de reflexão, para que o trabalho desenvolvido seja mais consciente, crítico, competente e transformador.

A formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão de todos. O trabalho em equipe e o trabalho interdisciplinar se revelam importantes. Quando as decisões são tomadas em conjunto, desfavorecem, de certa forma, a resistência às mudanças e todos passam a ser responsáveis para o sucesso da aprendizagem na escola. ■

Modos de ver e agir

1. Da diretora do caso

A prática coletiva, em que todos são partícipes de uma proposta envolvente, é o segredo do sucesso desta pequena escola, que acolhe, em seus dois turnos, 280 alunos que usufruem das dependências da casa centenária onde funciona. Só uma equipe de valor pode desenvolver um projeto pedagógico sempre dinâmico, sempre sensível ao contexto social e às demandas que o alunado leva intempestivamente para o ambiente escolar. É nessa interação que estão nossos maiores valores, nosso maior compromisso!

2. Da diretora convidada: Catarina Filgueiras Ansyeto

Incentivo sempre os profissionais da escola a se especializarem, buscarem novos conhecimentos. Um profissional da educação não deve nunca parar de estudar. O mundo muda constantemente, e para realizar um bom trabalho com nossos alunos temos que estar atentos e acompanhar essas mudanças.

3. Da coordenadora pedagógica convidada: Lucíola Camaragibe S. dos Santos

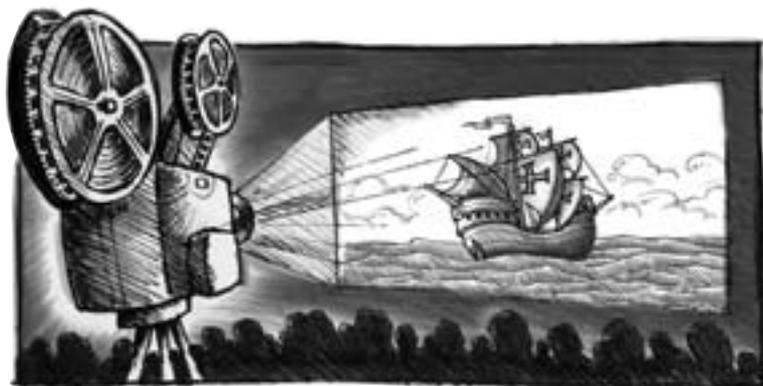
Assim que me formei, achava que estava pronta para lecionar. Tinha certeza de que, com os conhecimentos adquiridos na faculdade, poderia dar aulas a vida toda. Com o passar do tempo, fui percebendo que não era bem assim e que a prática te obriga a te atualizar constantemente. Busquei cursos, fiz especializações e hoje sei que nunca pararei de estudar.

4. Da professora convidada: Suzana Abreu de Alencar

Eu trabalho na rede particular e na rede pública e vejo o quanto são diferentes as posições em relação à atualização do professor. Na rede particular, somos muito cobradas, mas não temos muito suporte nem oportunidades de cursos. Já na Rede Municipal, temos constantemente cursos de atualização, palestras, eventos, oficinas, tudo visando à reciclagem do professor. Vejo muitos colegas reclamarem, mas é na Rede Municipal que tenho mais oportunidade de me tornar cada vez mais uma profissional melhor.

Cinema pela porta da frente

Projeto quer ampliar acesso das escolas da Rede à sétima-arte e refletir no seu uso pedagógico



TEXTO

FÁBIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO

Desconstruir a idéia de que o cinema serve apenas como entretenimento ou recurso didático e oferecer instrumentos para uma leitura mais ampla da linguagem cinematográfica. Essa é a força-motriz por trás do Projeto Cineclube, da Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (DME/SME). A ação quer refletir, discutir e propor diferentes formas de trabalho pedagógico com o cinema e, principalmente, levar essa linguagem até a escola, por meio da criação de cineclubes. A implantação dos cineclubes visa criar e também estimular a produção audiovisual na escola. Em um primeiro momento, participam 47 escolas, além do Instituto Helena Antipoff, do Creja (Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos) e da Sala de Leitura Lourenço Filho, no CASS (o centro administrativo da Prefeitura na Cidade Nova). Todas as escolas escolhidas têm salas de leitura-pólo, abrigam pólos de educação para o trabalho ou já desenvolvem alguma atividade ligada ao audiovisual, como oficinas de vídeo e núcleos de arte que trabalham com animação.

A intenção é que esses locais sejam referências e funcionem como multiplicadores. Os acervos podem circular por outras unidades da Rede, cujos alunos também podem assistir a sessões nas escolas-pólo. O plano é que, eventualmente, sejam organizados mais cineclubes. “Queremos que esse seja um movimento por

adesão, que vá crescendo, mostrando resultados e envolvendo as outras escolas. Para isso, é preciso que [esse trabalho com o audiovisual] não seja um evento isolado, mas sim algo que esteja dentro do projeto pedagógico da escola, integrado à proposta de formação que ela desenvolve em seu currículo”, comenta Simone Monteiro, coordenadora da DME.

Kits com DVD – O primeiro passo para a implantação do projeto dos cineclubes foi a formação de um acervo para as escolas. Para selecionar os títulos desse acervo, a DME negociou com produtores e divulgadores. Cada escola receberá um kit de filmes em DVD, que inclui longas e curtas-metragens, além de livros sobre linguagem cinematográfica e temas correlatos. O projeto também inclui a aquisição de equipamentos de projeção como *datashow* e telão. Há ainda uma preocupação com a formação dos professores, que são treinados em curso ministrado pela DME, em parceria com equipe da ONG Cineduc – Cinema e Educação, sobre linguagem de audiovisual na escola.

A partir daí, com o apoio da DME, cada escola organiza o seu cineclube, de acordo com a sua realidade e suas necessidades. “Queremos que professores, alunos e principalmente o grêmio escolar estejam envolvidos com os cineclubes, propondo formas de utilização do acervo e indicando novos filmes para compor o kit”, explica a coordenadora da DME.

Um dos feitos do projeto foi conseguir que as escolas com cineclubes fossem inseridas na programação do Festival Ibero-americano de Cinema e Vídeo (Cinesul) de 2008, realizado em junho. Foram organizadas sessões do festival para alunos e professores. Depois dos filmes, as equipes do Cineduc e da DME realizaram debates e oficinas. Para manter os cineclubes em ebulição, foi criado um grupo virtual para discussões e trocas de experiências entre os professores, que serve também para divulgar o trabalho para outras escolas. ■

SAIBA MAIS

NÓS DA ESCOLA

- n. 36, encarte *Giramundo* – “Em pauta: Videoteca”
- n. 42, encarte *Giramundo* – “Em pauta: Cinema – História”
- n. 43, encarte *Giramundo* – “Em pauta: Imagem e geografia”

O saber-fazer com o brincar

O brincar, como uma das formas do saber-fazer humano, traz em seu rastro o prazer e o aspecto lúdico das ações humanas. O *ludus* latino, que deu origem ao lúdico, sendo um conceito amplo, abrange o brincar e o jogar, e o seu emprego, ao sofrer um certo deslocamento histórico, inclui também o burlesco. O ato de brincar em cada língua, ao ganhar uma palavra específica para designá-lo, encontrou no brinçalhão um significante que muitas vezes identifica o brasileiro.

O Brasil, ainda visto como o país do futebol, do carnaval e do jogo do bicho, incorpora hoje em uma de suas faces um outro lado, real, como a sua própria moeda – a violência. Mas quem é brasileiro e vive sob a égide do maneirismo e do jeitinho, como formas barrocas de resolver os difíceis problemas que assolam este país, suporta o mal-estar, brincando. O trágico, no Brasil, passa rapidamente ao âmbito do cômico. Tratar-se-ia do saber-fazer brincando?

O ato de brincar, encontrado também na clínica e na educação, indica o que há de mais sério na vida de um sujeito. Fiquemos atentos à viva expressão da fantasia, que é sempre infantil, seja na brincadeira da criança, na irreverência

adolescente, na arte ou na filosofia, e, que comparece como um tipo de saber específico, próprio aos mecanismos inconscientes. A abordagem do brincar nessas práticas não pode deixar de lançar um olhar à Antiguidade e buscar no espelho grego os aspectos que influenciaram os conceitos de criança e do brincar em suas diferentes formas de inscrição na história ocidental. Só assim poder-se-á verificar como esses traços chegaram à sociedade contemporânea, vestindo nova roupagem, transmudados na atualidade.

Reafirmando o dizer de Platão, na *República* (335a.C.), ao definir Homero como um dos maiores educadores de toda a Grécia, pelo fato de este enfatizar a distinção entre dizer e fazer como importantes momentos da ação de quem governa, recorto do homérico estes termos, tentando indicar a força política daquele que educa e daquele que clínica.

Assim como o lugar da criança tem diversas formas de inscrição ao longo da história ocidental, também o conceito de brincar e os jogos infantis sofrem modificações culturais. Philippe Ariès (1975) dedicou estudo a esses ▶

TEXTO

RUTH HELENA PINTO COHEN*

ILUSTRAÇÕES

DAVID MACEDO

*Professora-doutora da pós-graduação do Instituto de Psicologia e da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autora do livro *A lógica do fracasso escolar: psicanálise & educação*, publicado pela Editora Contracapa.

temas, lembrando que alguns brinquedos muito antigos persistem ainda hoje, como o catavento, a boneca e o cavalo-de-pau. Mesmo na era do computador e dos robôs, constata-se o encantamento de uma criança com objetos de época tão antiga.

O autor também assinala que algumas brincadeiras, que se tornaram individuais, fizeram parte de antigos rituais dos adultos. Houve época em que o que se considera hoje como brincar fazia parte de cerimônias religiosas. Só depois o lúdico tomou o estatuto de profano e individual. Temos como exemplo a boneca, que, da Antiguidade à contemporaneidade, continua a ser usada com diversas finalidades: de estatueta nos antigos túmulos egípcios, foi usada depois em práticas de bruxaria e, hoje, é um brinquedo de meninas, diferentemente da época de Luiz XIII, em que meninos e meninas se utilizavam dela livremente.

Foi a partir do século XVII, segundo o autor acima citado, que a especialização infantil dos brinquedos da criança se consumou, e no século XVIII, as festas à fantasia, comuns à alta-sociedade, passaram a ter um estatuto popular. O que era do poder do adulto e das classes dominantes foi deslocado para a criança e para o povo.

No campo da clínica, o brincar fazendo parte do estatuto da fantasia encontrou em Freud, escavador da Pompéia soterrada da alma humana, algo surpreendente: no prazer há dor. Com isso, o brincar incluiu em seus temas situações provocadoras de angústia, pois, na busca do prazer e na tentativa de ser feliz, o homem encontra o “mal-estar da civilização”. O individual e o cultural, com suas forças antagônicas, esbarram no irreconciliável, gerando tensões impossíveis e necessárias, que produzem arte, religião, ciência e também barbárie como formas contingentes de lidar com o vazio da existência.

A condição humana busca caminhos no poder cultural, que se especializa na ilusão e na arte, como um esforço em relação ao prazer encontrando meios de descanso e lazer. A obra de arte olha e detona o pontual, aponta para o lugar do nada, velado e desvelado, das verdades de cada um. Fantasiar e brincar são formas de habitar no humano o mais interno como exterioridade. Pura solidez na incorporação do vazio, no sem-sentido da vida.

Jacques Lacan, em seu seminário sobre a ética, trabalhou o conceito de belo em *Antígona* como lugar-limite entre dois campos diferenciados, onde o raio do desejo era refletido. Tratava-se do efeito revelador do belo – o desejo

Referências bibliográficas

- ARIÈS, P. *L'ancien régime*. Rio de Janeiro, Editions du Seuil, 1978.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. 20. ed. Brasília, Universidade de Brasília, c. 1985-92.
- COHEN, R. A criança brasileira. *Anais do IV Fórum de Psicanálise*. Rio de Janeiro, p.148.
- _____. *O prazer e a pulsão de morte*. (Coletânea), p. 30, 1979.
- FREUD, S. *Standard*. Rio de Janeiro, Imago, 1909. v. X.
- LACAN, J. *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- _____. *Os quatro conceitos fundamentais*. (Seminário), livro 11. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1964.



tornado visível. O belo teria a função de, com seu brilho, velar, desvelando uma verdade intocável, assim como o brincar da criança, cuja repetição indica uma perda, algo que está além do prazer e que na clínica dá a pista de que há um dizer além dos ditos. O brincar como *savoir-faire* é o próprio lugar desse dizer.

RSI e o brincar

Tentando-se encontrar no ato de brincar os três registros de inscrição do homem, segundo Lacan, e inferindo-se que existem formas possíveis de escrevê-lo, arrisca-se dizer que é possível cingi-lo por meio: do registro simbólico, no qual o brincar e o brinquedo são representantes da malha discursiva; do registro imaginário, no qual os corpos da criança e do adulto, em sua materialidade, servem, assim como o brinquedo, para ocupar espaços da fantasia; e do registro real, que comparece no não-dito, naquilo que escapa e que é característico do material inconsciente. Essa forma sintética de explicitar os três tipos de inscrição do brincar, entretanto, não esgota a ação humana em sua imensa plasticidade e multiplicidade de produções.

O espaço de representação permite que os contos de fada e a encenação das grandes tragédias da Antiguidade continuem coexistindo com a sedução fria dos modernos heróis televisivos. O atemporal reeditado repete-se como

forma de lidar com a finitude dos humanos. Os mitos – *mythos* do grego ou *mythu* do latim –, os contos de fada e as lendas se oferecem como fontes de escoamento para a angústia, por intermédio de suas estruturas narrativas. Nos contos de fada, a solução satisfatória dos conflitos tem um caráter de defesa por meio da fantasia, e os heróis são identificados com os dramas do dia-a-dia. O mito, por sua vez, na Antiguidade, servia à educação dos jovens, e por se constituir de uma estrutura simbólica e universal, vinculou ideais e tradições à cultura ocidental.

Concluimos, brevemente, que a fantasia, como correlata do desejo, é o tecido que serve de cortina para cobrir o palco, onde o sujeito entra em cena ao tentar cumprir o seu ideal diante da impossível pergunta da criança: O que querem de mim?

Winnicott, Françoise Dolto, Jenny Aubry, Maud Mannoni, Melanie Klein e muitos outros autores que trouxeram enormes contribuições à teoria do brincar observaram as inúmeras tentativas de as crianças responderem a essa pergunta. Eles descobriram que no brincar, assim como no sonho, a interpretação é do próprio sujeito. No ambiente pedagógico ou na clínica, portanto, o brincar só terá sentido se houver ouvidos atentos para escutá-lo, pois sabemos que há para cada sonhador um sonho e para cada brincante um brincar. ■

Desenvolvimento da linguagem em alunos especiais

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

A criança, ao ingressar na escola, inicia um processo de ampliação do seu universo de possibilidades de aprendizagem. A escola torna-se um espaço importante no desenvolvimento de suas potencialidades, pois é um lugar onde saberes podem ser elaborados, construídos e compartilhados.

Em uma perspectiva histórico-cultural, o acesso aos bens culturais e às ferramentas elaboradas pela humanidade é um fator importante para o desenvolvimento das chamadas funções psicológicas superiores. A participação em relações mediadas por esses signos e instrumentos e também por outros homens constitui-se meio essencial ao desenvolvimento dessas funções especificamente humanas. Estas se diferenciam das funções elementares, pois estas últimas são reguladas por processos biológicos, enquanto as primeiras estão relacionadas a um contexto sociocultural. As funções psicológicas superiores dependem da (inter)ação do homem com o meio para se constituírem.

A linguagem tem papel fundamental na história da humanidade, pois com ela o homem se comunica, constitui e representa seus pensamentos, elabora a cultura e a sua identidade. Ela aproxima o homem de outros homens. É pela linguagem que os homens estabelecem relações com seus pares, transformando-se e transformando-os em uma relação dialética. Vigotski descreveu o importante papel da linguagem para o desenvolvimento do pensamento na criança. Segundo ele, “o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança”. (Vigotski, 2000, p. 62) Verificamos, então, que no contexto escolar a linguagem e as relações humanas assumem um importante papel quando falamos em desenvolvimento.

Quando têm a oportunidade de interagir com outras pessoas, alunos com ou sem necessidades educacionais especiais no espaço escolar passam a ter ampliada a forma de acesso aos diversos signos e instrumentos construídos

pela humanidade. Esses alunos, que já trazem do seu meio familiar alguns conhecimentos lingüísticos construídos nas relações ali estabelecidas, estarão imersos em um novo espaço social, rico de interações. A mediação que vão sofrer dos profissionais que ali atuam e de outros alunos em diferentes níveis de desenvolvimento atuará na chamada zona de desenvolvimento proximal. Essa mediação, associada ao uso de novos signos e instrumentos que surgem no contexto escolar, contribuirá para o desenvolvimento de diversas funções que caracterizam e diferenciam a espécie humana de outras espécies – como atenção, memória, imaginação, percepção e cognição. Estas são as chamadas funções psicológicas superiores, desenvolvidas a partir das relações estabelecidas no meio sociocultural, ou seja, na mediação das várias pessoas e dos vários signos e instrumentos da sociedade, em especial a linguagem.

Alunos com necessidades educacionais especiais relacionadas à constituição da linguagem, após a realização da avaliação inicial pela escola (na qual se verifica o seu nível de desenvolvimento real e potencial), podem demonstrar dificuldades na linguagem receptiva ou expressiva, e na construção do vocabulário. Neste sentido, a escola terá o importante papel de ser uma das facilitadoras da constituição da linguagem desses alunos. Sendo o instrumento lingüístico o principal mediador no desenvolvimento do pensamento infantil, a constituição da linguagem desses alunos é fator imprescindível para o avanço do seu desenvolvimento intelectual. Vigotski mostra em seus estudos que o desenvolvimento da fala e do pensamento tem raízes diferentes e que as curvas de crescimento de ambos passam por várias mudanças, podendo encontrar-se em algum momento, fundir-se em outros, e até tornarem-se paralelas. Com esses estudos sobre a origem da fala e do pensamento, o autor demonstrou que o desenvolvimento intelectual está intimamente relacionado ao desenvolvimento lingüístico: “O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio



Cynara Máximo da Silva

Professora regente da classe especial da Escola Especial Professora Maria Therezinha de Carvalho Machado, Freguesia (7ª CRE). Pedagoga especialista em Educação Psicomotora e Educação Especial.

dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem.” (Vigotski, 2000, p. 63)

Quando entra para a escola, o aluno com necessidades especiais aumenta consideravelmente o seu universo de interações. Na escola, compartilhará a linguagem com os profissionais que ali atuam e com os outros alunos com e sem necessidades educativas especiais. Nesse espaço, o aluno entra em contato com diversos instrumentos e signos utilizados nas relações do cotidiano escolar, como a fala, a escrita, diferentes formas de linguagens, objetos do contexto escolar, brincadeiras, músicas, jogos, diversos tipos de mídias, símbolos, entre outros. Esse universo, repleto de significantes e significados, desempenhará papel importantíssimo no desenvolvimento da linguagem desse sujeito. Partilhando atividades contextualizadas, relacionando-se com pessoas do espaço escolar, fazendo escolhas (mesmo que utilizando gestos e expressões faciais), participando de brincadeiras, ouvindo e cantando as músicas que surgem nos projetos de trabalho, ou seja, participando

de atividades mediadas por tantos outros, o universo lingüístico poderá se constituir e ampliar. Segundo Vigotski, “a capacidade que tem uma criança de comunicar-se por meio da linguagem relaciona-se diretamente com a diferenciação dos significados das palavras na sua fala e na sua consciência”. (Vigotski, 2000, p. 161)

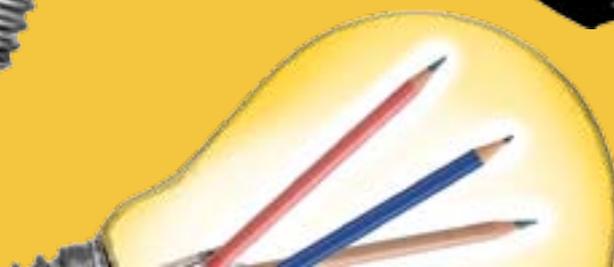
É fundamental conhecer o contexto social com o qual o aluno convive, a fim de avaliar o seu desenvolvimento lingüístico. Conversando com a família, a escola poderá obter informações de como o aluno se expressa, como compreende o que lhe é falado, quais as relações dialógicas que a família trava com o seu filho, entre outras observações imprescindíveis. A parceria entre família e escola torna-se fator importantíssimo para o desenvolvimento do aluno. A partir de informações fornecidas pela família e da avaliação inicial realizada, a escola poderá implementar adaptações curriculares para a concretização de um ensino que considere as necessidades especiais desse aluno com dificuldades na constituição da linguagem. ■

Fique por dentro de tudo que a MULTIRIO faz para você

Cadastre seu e-mail e receba
semanalmente Notícias
MULTIRIO

Acesse www.multirio.rj.gov.br
ou ligue para 2528-8282





Desejar, experimentar... para criar

Foi a partir de meados do século XVIII, quando uma série de tecnologias surgiu e deu impulso à geração de riquezas, que a inovação emergiu como fator preponderante no desenvolvimento dos países. Nesta lista, figuram a estrada de ferro, o telégrafo, o telefone, a linha de montagem de Henry Ford, entre outras invenções que mudaram o curso da história. O escritor italiano Gianni Rodari registra, em sua *Gramática da fantasia*, que para mudar a sociedade são necessários homens criativos que saibam usar a imaginação, e conclama: "(...) desenvolvamos... a criatividade de todos para mudar o mundo". Em tese, todos nós temos possibilidade de inventar. O ponto de partida é entrarmos em contato com a fantasia, a imaginação e deixar fluir nossa criatividade. "A função criativa da imaginação pertence ao homem comum, ao cientista, ao técnico; é essencial para descobertas científicas bem como para o nascimento da obra-de-arte; é realmente condição necessária da vida cotidiana...", afirma Rodari. A questão é que não é tarefa fácil acionar a nossa capacidade criadora. Será que temos espaço hoje para entrarmos em contato com a fantasia, com a imaginação, ferramentas tão fundamentais do processo criativo?

No mundo da tecnologia, da multimídia, poderíamos dizer que sim. Mas não é bem assim. Apesar de hoje vivermos uma época em que temos máquinas que nos ajudam no trabalho, ainda sofremos da falta de tempo. Fantasiar, imaginar e finalmente criar exige a possibilidade de observar, de experimentar, exige dedicação e, sobretudo, incentivo.

Em sua *Gramática*, Rodari lembra que a criatividade "é uma característica do homem e não um dom concedido a poucos". O teórico russo Lev Vigotsky diz que a atividade criadora é mediada pelo entorno histórico, social e cultural. O indivíduo, para ele, é capaz de criar a partir dos/nos encontros que estabelece com os outros sujeitos, encontros mediatizados pelas

possibilidades e limites das relações sociais em cada momento histórico. "É criativa uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias", pontua Gianni Rodari no mesmo livro. Criatividade, assim, pode ser entendida como sinônimo de pensamento divergente.

Ora, podemos concluir daí que o espaço privilegiado para o desenvolvimento da criatividade é aquele que possibilita o encontro das diferenças ou dos diferentes. A escola, como primeira instituição socializadora com a qual temos contato, deveria ser este lugar. Tal como ela está concebida hoje talvez ainda não consiga fazer a aposta necessária no processo criativo de seus alunos: "...escutar pacientemente e recordar escrupulosamente constituem até agora as características do modelo escolar mais cômodo e maleável", escreveu o escritor italiano em um dos capítulos da *Gramática*.

Temos, é verdade, um modelo de escola que ainda tem dificuldade de lidar com a diversidade. "É comum se colocar o aluno em uma fôrma", observa Maria Aparecida Mamede-Neves, titular do Departamento de Educação da PUC-Rio. Nas salas de aula há o que sabe desenhar, o que não sabe desenhar, o que sabe matemática, o que não sabe matemática, o esperto, o bobo, o inteligente, o aluno mais ou menos e por aí vai. São rótulos que estigmatizam os alunos e reproduzem, de certa forma, um padrão social capitalista excludente de rotular tudo e todos. Até as respostas costumam ser padronizadas no ambiente escolar. Há uma expectativa por condutas iguais, de alunos tão diferentes, e também pela resposta correta, muitas vezes *ipsis litteris* à que aparece no livro didático. Fundamental seria dar espaço para o aluno, sujeito de sua própria experiência, que conseguisse e fosse reconhecido por seus mestres e seus pares, por dar sua própria cor e forma ao que quer que seja. ▶

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

ILUSTRAÇÕES

DAVID MACEDO

Experimentação – Experimentar é, para o artista plástico Gringo Cardia, um dos caminhos para o despertar do processo criativo em cada um. No trabalho que desenvolve com jovens de periferia do Rio de Janeiro, ele investe o tempo inteiro na possibilidade de seus alunos experimentarem o que é novo. Assim, ele oferece a oportunidade de irem ao teatro, a exposições, de verem filmes, de irem a festas de gente “bacana”, enfim, de entrarem em contato com um universo que jamais viram antes. “Uma pessoa sem estas janelas não consegue ver a amplitude do pensamento humano e fica pequena, não cresce, não se sente capaz de falar nada. Já constatamos que este pacote, que inclui educação e cultura, desperta nos alunos sua auto-estima e faz deles seres mais criativos e capazes”, observa o artista, cuja escola de arte, localizada em um dos galpões da região portuária, chama-se Escola Fábrica de Espetáculos – Spectaculu.

A experiência escolar, por mais que esteja genuinamente interessada na promoção de alunos críticos e criativos, na prática, e – claro – com exceções, acaba contribuindo muitas vezes para matar o desejo que há nos estudantes de se expressarem de formas diferentes, em linguagens diferentes. “Acho até que nas classes de Educação Infantil há um processo desenvolvido de fazer desabrochar a criatividade das crianças. Há uma construção de possibilidades de a criança expressar a sua criação. O problema começa na passagem deste segmento para a alfabetização”, diz Aparecida.

Para ela, a educação das primeiras séries do Ensino Fundamental já se inicia com cânones muito limitados, castradores. É como se nesta fase já “coabitasse” a riqueza das conclusões fantásticas e da fantasia da expressão infantil com a necessidade das respostas corretas, preconcebidas. Este princípio de realidade, por si só, não mata o desejo da criação. Na verdade, no processo criativo, explica Aparecida, o princípio da realidade vem para mostrar que o sujeito cria, para tornar possível, concreto, o seu desejo de criação. “Quando o computador surgiu, começou com uma máquina tosca, primária. Então, tudo começa com um sonho de uma realização, que é perseguida, aperfeiçoada. Por isso que dizemos que toda criação é coletiva. Este conceito é importante para a escola desenvolver”, aponta a professora.

O professor deve socializar os desejos, somar esforços para uma criação coletiva. Assim, cada um, do seu jeito, vai emergir do grupo. Luiz Fernando Carvalho, diretor de cinema e TV, em uma palestra proferida no III Encontro Internacional Rio Mídia, em 2007, falou do processo de criação na produção da minissérie *Hoje é dia de Maria*. Segundo ele, todo trabalho de criação só pode ser feito daquela forma (quem viu a série viveu uma experiência estética como poucas vistas na TV brasileira), por conta do trabalho nas oficinas de criação coletivas. “Estou sempre começando da tela em branco, da página em branco. Do *Lavoura arcaica* [filme de 2001] para cá, me propus a ser mais rigoroso com a minha maneira de entender o que seria a criação de uma narrativa audiovisual. E ela





parte da idéia das oficinas de criação. É como se essa tela em branco fosse proposta também para todos os departamentos: figurino, cenografia, arte, interpretação e texto. (...) É um caminho cheio de luta, e traçado a partir da sensibilidade de muitos artistas”.

Nós aprendemos essencialmente em contato com o outro. É por tentativa e erro, e partindo de algum modelo, um padrão, que chegamos às nossas próprias criações. Maria Aparecida Mamede é uma defensora dos projetos de criação coletiva na escola. E há formas diferentes de realizá-los. “Desde projetos de criação de peças de teatro, em que cada aluno

contribui com a área que mais lhe convier, texto, iluminação, produção musical etc., até as feiras, como as de ciência. Aliás, feira de ciência nas escolas, todo ano, é igual. Cada aluno apresentando seu trabalho, da mesma maneira, o que mostra como a escola tem dificuldade de instaurar novidades”.

Ela observa que nas escolas de formação de professores não há um preparo para que eles entendam como se dá o processo do pensamento. A tendência então é o professor, sem se dar conta, sufocar o desejo do aluno, sua possibilidade criativa. “Aprender é um processo lúdico por excelência. No entanto, ►



quando se torna obrigatório, mata o nosso poder criador”. E sufocar nosso desejo de criação é, como explica a professora, “impedir o nosso jeito de existir”.

Muitas vezes este processo é desencadeado por situações corriqueiras, como comparações simples de um aluno com o outro. Com adolescentes é muito comum os professores dizerem, por exemplo, “quando seu irmão foi meu aluno...”. “O sujeito, quando comparado com outro, começa a fazer uma autocensura. Não poder ter uma idéia diferente nos afasta da dimensão afetiva”.

A artista plástica Fayga Ostrower, no livro *Acasos e criação artística*, fala desta dimensão afetiva – do afeto, daquilo que nos afeta – no

processo de criação. “O potencial criador não é outra coisa senão esta disponibilidade interior, esta plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ela vem acompanhada do senso do maravilhoso, da eterna surpresa com as coisas que se renovam no cotidiano, ante cada manhã que ainda não existiu e que não existirá mais de modo igual, ante cada forma que, ao ser criada, começa a dialogar conosco. É nossa sensibilidade viva, vibrante”

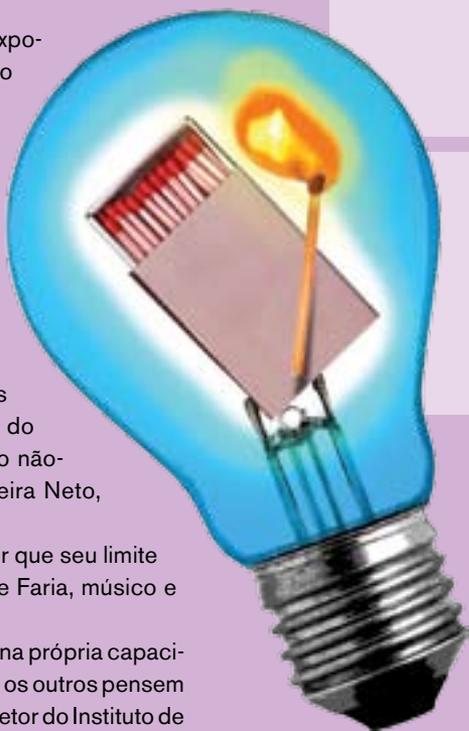
Fica claro como a dimensão afetiva permeou e deu significado a todo o processo de criação da minissérie feita pelo diretor Luiz Fernando Carvalho. No texto *Educação pelos sentidos*, que está publicado no site Rio Mídia, no Portal MULTIRIO, ele escreve sobre a produção do

Ser criativo é...

“Na medida em que a superexposição revela no fundo um desejo recalcado de ocultação, acho que ser criativo hoje é saber instalar o silêncio, saber criar o espaço em branco, saber construir novos vãos e desvios e enfurnar-se neles. O excesso de informação pode ser traduzido por superficialidade de informação. O conhecimento mais profundo reside, hoje, mais do que nunca, no não-dito e no não-lugar.” (Godofredo de Oliveira Neto, escritor)

“É ter a coragem de crer que seu limite é o horizonte.” (Guerreiro de Faria, músico e professor da UniRio)

“Ser criativo é acreditar na própria capacidade de pensar e rejeitar que os outros pensem por nós.” (Nelson Hoineff, diretor do Instituto de Estudos da Televisão (IETV))



O aluno criativo é aquele que...

não fica preso a estereótipos, que consegue estabelecer relações, que surpreende, que encanta, que não fica preso às explicações. É aquele que interage e contribui para a constituição de conhecimento do grupo. Não apenas memoriza, como também apreende e reelabora segundo seus próprios valores e universo de interesses.

cenário e figurinos da série: “Não vou pela ação extravagante da produção, trabalhamos com os restos das coisas, com o que aos olhos dos outros está morto. Isso nos interessa. Trata-se de uma idéia ligada ao tempo. Sou um devoto do tempo. O tempo está em tudo e também nos dá consciência de uma perspectiva histórica. Gostaríamos de reencontrar a antiga vida daqueles objetos, assim como a alma daquelas histórias, a tal da ancestralidade. Objetos que largados no tempo, mesmo em frangalhos, assim que colocados lado a lado a outros restos, nos possibilitam o renascimento de um objeto novo, de uma nova forma. *Hoje é dia de Maria* é, então, saída de uma antiga gaveta de brinquedos velhos, quebrados, faltando peças e partes, mas que

carregam uma dose de imaginação aos olhos de quem vai bulir com eles, pois estão carregados de sonho humano (...).”

Na escola, o afeto, no sentido de afetar o outro, é preponderante para o sucesso dos alunos. Não faltam exemplos, em nossa rede de 1.060 escolas, 36.500 professores e 800 mil alunos, de histórias de projetos bem-sucedidos que operaram grandes transformações. Certamente, nos trabalhos apresentados nas Mostras Século XXI, nos Congressos Internacionais Rio Mídia, bem como em muitos que relatamos nas matérias da seção *Pé na Estrada*, além de tantas outras iniciativas destacadas em produtos da MULTIRIO, o potencial criativo de alunos e professores se fez presente. ■



O professor criativo é....

aquele que sabe ser flexível quando a situação exige, que sabe trabalhar com o inesperado e que, sobretudo, incentiva e aposta no processo criativo de seus alunos.

Comentários absurdos sobre as maravilhosas invenções e descobertas!

“O cavalo está aqui para ficar, porém o automóvel é apenas uma novidade – uma moda passageira.” (presidente do Michigan Savings Bank, aconselhando o advogado de Henry Ford a não investir na Ford Motor Company)

“Máquinas voadoras mais pesadas que o ar são impossíveis.” (Lord Kelvin, 1885)

“A televisão não será capaz de manter nenhum mercado que conseguir após os primeiros seis meses. As pessoas logo se cansarão de olhar para um caixa de madeira compensada toda noite.” (Daryl F. Zanuck, presidente do estúdio de cinema 20th Century Fox, comentando, em 1946, sobre a criação da TV)

“Tudo o que pode ser inventado já foi inventado.” (Charles H. Duell, comissário do U.S. Office Patents, em um relatório de 1889 para o presidente McKinley, argumentando que o escritório de patentes deveria ser abolido)

“Quem é que quer ouvir os atores falarem?” (Harry M. Warner, presidente da Warner Bros. Pictures, em 1927)

“O conceito é interessante e bem formulado, mas para conseguir uma nota melhor que C a idéia precisa ser viável.” (Avaliação de um professor da Universidade de Yale, em resposta a um trabalho de Fred Smith propondo um serviço

de entregas rápido. Fred Smith é o fundador da Federal Express)

“Se eu tivesse pensado nisso, eu não teria feito o experimento. A literatura está cheia de exemplos que dizem que você não pode fazer isto.” (Spencer Silver, sobre o trabalho que o conduziu à descoberta dos adesivos Post-It)

“O abdômem, o peito e o cérebro estarão para sempre fechados à intrusão do cirurgião humano.” (Sir John Eric Ericksen, cirurgião britânico da Rainha Vitória)

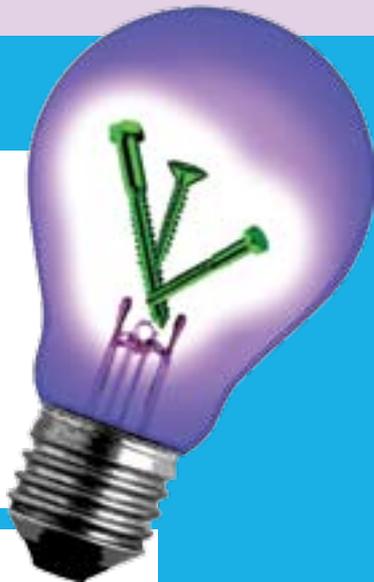
“A teoria dos germes de Louis Pasteur é uma ridícula ficção.” (Pierre Pachet, professor de fisiologia)

“Nós não gostamos do som deles, e música de guitarra está fora de moda.” (Decca Recording Co., ao rejeitar os Beatles em 1962)

“Aviões são brinquedos interessantes, mas não têm nenhum valor militar.” (Marechal Ferdinand Foch, professor de estratégia, Escola Superior de Guerra)

“(…) 640 K são mais do que suficientes para as necessidades de qualquer pessoa.” (Bill Gates, em 1981)

Fonte: www.idph.net/artigos/novaeducacao/criatividade.php



Para entender o Ideb 2007

O que é e como funciona o indicador que pretende revelar a qualidade de ensino em todo o Brasil

A sigla Ideb vem ocupando de forma mais recorrente páginas de revistas e jornais desde junho, quando o índice de avaliação do ensino de 2007 foi divulgado pelo Ministério da Educação (MEC). Mas, apesar de ter seus resultados amplamente veiculados na mídia, ainda restam dúvidas sobre o indicador, entre elas a maneira pela qual é calculado, que aspectos da vida escolar considera e qual é a sua utilidade.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao MEC, em 2007, para acompanhar a qualidade do Ensino Fundamental e Médio em todo o Brasil. O índice é o único a reunir dois dados na avaliação da qualidade da educação: o fluxo escolar (taxas de aprovação) e médias obtidas em provas específicas. O Ideb varia de 0 a 10 e permite que sejam traçadas metas de qualidade para os sistemas de ensino em três etapas de aprendizagem: anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

São estabelecidas metas diferenciadas para cada escola, município e estado, a fim de conquistar um único objetivo do Plano de Desenvolvimento da Educação: fazer com que o Brasil alcance o índice 6,0 em 2021. Esta é a média que corresponde a um sistema educacional comparável ao dos 30 países desenvolvidos que fazem parte da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e que produzem mais da metade de toda a riqueza do mundo.

O ano de 2007 foi o primeiro para o qual o índice determinou metas a serem perseguidas pelas escolas, o que explica a grande repercussão dos resultados divulgados. Os valores alcançados pelas unidades escolares, municípios, estados e na média nacional podem ser comparados aos do Ideb 2005. Isso porque, embora criado em 2007, o Ideb teve resultados auferidos a partir de dados de 2005. Assim, foi possível estabelecer um valor-base de comparação que permitisse traçar as metas a serem alcançadas até 2007.



Alunos da E. M. João de Deus, que obteve média equivalente à de países desenvolvidos

Atingir a meta dos países desenvolvidos da OCDE significa hoje sair da média nacional 4,2, de 2007, para um índice 6,0 em relação aos primeiros anos do Ensino Fundamental. E os resultados do Brasil têm se mostrado favoráveis. O Ideb nacional de 2007 (4,2) ultrapassou a meta estabelecida para a primeira fase do Ensino Fundamental, de 3,9. O índice cresceu 0,4 em relação ao registrado em 2005 (3,8) (leia no quadro 1).

Por meio das metas, o Ideb procura estimular uma política pública pela melhoria da qualidade da educação em todo o país. As metas são bienais e compreendem o período de 2007 a 2021. Assim, escolas, municípios e estados buscam o incremento de seus índices para, em conjunto, colaborar para que o Brasil atinja a sua meta em 2021.

Calculando o índice – Para chegar ao valor do Ideb de uma escola, estado ou município, são considerados dados sobre aprovação escolar, obtidos pelo Censo Escolar, e médias de desempenho nos exames do Inep: o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e a Prova Brasil. Esses dois exames são complementares. Para entender melhor por que são utilizados dois exames diferentes, vale ressaltar a história de cada um deles.

A Prova Brasil foi realizada, pela primeira vez, em 2005, para detalhar e complementar ▶

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

os dados do Saeb, que é feito apenas por amostragem. A prova avalia somente estudantes de 5º e 9º anos do Ensino Fundamental (antigas 4ª e 8ª séries; período intermediário do segundo ciclo e período final do terceiro ciclo) de escolas públicas urbanas dos municípios, mas tem caráter censitário. Ou seja, o exame de Língua Portuguesa (foco em leitura) e Matemática (foco na resolução de problemas) é aplicado a todos os estudantes das séries consideradas, de todas as escolas públicas urbanas do Brasil (com mais de 20 alunos na série).

Assim, os resultados produzem um retrato da educação não apenas no Brasil e suas regiões, mas também em cada município e escola participante. É esta avaliação que permite traçar, por exemplo, um diagnóstico e uma meta do Ideb para cada escola. A última Prova Brasil foi realizada no ano passado, contribuindo para a formação do Ideb 2007.

Já o Saeb existe desde 1990 e foi a primeira iniciativa brasileira para um melhor diagnóstico

do sistema de ensino no país. Além de avaliar, a cada dois anos, os alunos de 5º e 9º anos do Ensino Fundamental, o exame é aplicado em estudantes do 3º ano do Ensino Médio. A prova avalia ainda escolas particulares e as localizadas em áreas rurais, unidades não consideradas na Prova Brasil.

Apesar de abrangente, a avaliação é feita por amostragem, ou seja, apenas parte dos estudantes das séries avaliadas participa da prova. Parte dessa amostragem é colhida aproveitando os resultados da Prova Brasil. A partir daí, o Saeb gera dados por estado, baseados em uma coleta por amostra.

O cálculo do Ideb utiliza as médias da Prova Brasil, para a avaliação dos municípios e de cada unidade escolar, e do Saeb, para formar os indicadores por estado e nacional. As notas médias dos dois exames são cruzadas com as informações do Censo Escolar, que ocorre anualmente em todo o Brasil, com a participação de todas as escolas públicas e privadas. O censo reúne

Sônia Mograbi comenta desempenho da Rede Municipal

TEXTO FÁBIO ARANHA

No Ideb 2007, a rede de escolas da Prefeitura do Rio não só alcançou as metas estabelecidas como superou as projeções para 2007, nos anos iniciais, e para 2011, nos anos finais. A secretária municipal de Educação, Sônia Mograbi, analisa os resultados.

A rede de ensino da cidade do Rio atingiu índice de 4,3 no Ideb 2007, superando as metas de 2007, 2009 e 2011. Como a senhora avalia estes resultados?

É preciso esclarecer que este índice se refere ao 9º ano (antiga 8ª série). No período que corresponde à antiga 4ª série (5º ano), o indicador passou de 4,2 para 4,5. Considero o resultado muito positivo, mostrando que o município do Rio ultrapassou as metas estabelecidas pelo Ministério da Educação. Mesmo comemorando, devemos ter o objetivo de contínuo crescimento neste caminho da aprendizagem.

Do total de escolas da rede, que porcentagem conseguiu melhorar o índice de 2005 para 2007? A que credita esse resultado?

Cerca de 80% das escolas desta megarede conseguiram melhorar o seu índice e, no que se refere especificamente

ao 9º ano, 87%. Credito o resultado ao nosso magistério e destaque os investimentos na gestão e na formação dos profissionais voltados à construção de uma escola pública de qualidade.

Quantas escolas atingiram índice igual ou superior a 6,0, considerado média dos países desenvolvidos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)? O que explica este resultado?

Treze escolas conseguiram 6,0 ou mais. Este ótimo resultado não se restringe a uma área, pois as escolas estão localizadas em diferentes bairros das Zonas Norte, Sul e Oeste da cidade. O índice demonstra também o compromisso ético e político com o ensino e a aprendizagem de nossos alunos. O coletivo da escola, liderado por uma direção atuante, ao construir um projeto político-pedagógico voltado à aquisição de conhecimentos e valores pelos nossos alunos, amplia as possibilidades de sucesso.

Parte do resultado positivo se deve à queda da evasão escolar. Que medidas a SME tomou para conter a evasão?

Há um trabalho no sentido de tornar a escola um espaço

dados sobre a Educação Básica nacional, que são utilizados para a formulação de políticas e para a distribuição de recursos públicos.

Com a junção de todas essas informações, calculadas seguindo padrões técnicos, é formado o Ideb, que pretende ajudar no acompanhamento da trajetória do ensino no Brasil, verificando problemas que levem à adoção de políticas públicas para a consecução da meta de 2021.

Ideb na Rede Municipal – Cerca de 80% das escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro melhoraram seus índices no Ideb 2007, em comparação ao indicador de 2005, segundo a Secretaria Municipal de Educação (SME). O resultado é ainda melhor com relação apenas ao 9º ano, em que 87% das escolas da Prefeitura do Rio obtiveram índices maiores do que em 2005. Com isso, os anos finais do Ensino Fundamental ultrapassaram, já neste ano, a meta estabelecida pelo Ideb para 2011

(4,2), conseguindo chegar ao índice de 4,3. As mesmas séries haviam obtido Ideb 3,7 em 2005. Já nos anos iniciais, a média das escolas (4,5) superou a meta de 2007 (4,3) e ficou a apenas um décimo da projeção estabelecida pelo Ideb para 2009 (4,6).

O desempenho das escolas foi ainda melhor em 13 unidades da rede que conseguiram índice igual ou superior a 6,0, média da OCDE e meta a ser conquistada pelo sistema de ensino de todo o Brasil até 2021. As escolas que conseguiram o índice são: E. M. João de Deus (6,9), na Penha Circular; E. M. Barão Homem de Mello (6,6), em Vila Isabel; E. M. Cícero Penna (6,4), em Copacabana; E. M. Friedenreich (6,3), no Maracanã; E. M. Minas Gerais (6,2), na Urca; E. M. Jean Mermoz (6,2), no Cachambi; E. M. Bangu (6,2), em Padre Miguel; E. M. Rodrigo Otávio (6,2), na Ilha do Governador; E. M. CC Santos Anjos (6,0), no Leblon; E. M. Luiz Delfino (6,0), na Gávea; E. M. Adlai Stevenson (6,0), no Irajá; E. M. Conselheiro Zacarias de Góis (6,0), em ►

acolhedor, que valoriza a identidade de nossos alunos e seus saberes. Projetos que envolvem a comunidade, tornando as famílias parceiras da escola, contribuem para a diminuição dos índices de evasão. A Rede de Proteção ao Educando (Repe) é um bom exemplo de trabalho interdisciplinar nos pólos de atendimentos, desenvolvendo ações que também buscam trabalhar com as famílias.

Que pontos, na sua avaliação, precisam ser trabalhados para manter o desempenho apresentado pela rede no Ideb 2007?

Apostar na representatividade e na gestão democrática, valorizar a formação continuada dos servidores e dotar as escolas de equipamentos e materiais pedagógicos que contribuam para o desenvolvimento do trabalho escolar são pontos fundamentais.

Qual é o papel dos professores nesse resultado?

Além dos que integram a equipe técnico-pedagógica, os professores regentes têm importância fundamental no trabalho com a diversidade dos alunos, em busca do sucesso escolar, no dia-a-dia da sala de aula.

O que fazer para que as escolas que ficaram abaixo da meta consigam alcançá-la?

É preciso analisar esses resultados, verificando onde estão as dificuldades e as formas de superá-las. Cada escola tem a sua singularidade, e as estratégias positivas precisam ser reforçadas.

Que impacto a mudança para ciclos teve no desempenho da rede?

A expansão dos ciclos ampliou o debate sobre o papel social da escola e sobre as formas de ensino, de aprendizagem e de avaliação, contribuindo para o repensar do processo educacional.

O Ideb é uma boa forma de avaliação do sistema escolar?

É uma das formas, é um indicador objetivo. É comparável nacionalmente e combina aprendizagem e fluxo, ou seja, o resultado da aprovação escolar informado por meio do censo e as médias de desempenho nas avaliações externas, como a Prova Brasil. Há alguns pontos que vêm sendo discutidos, como os dados relativos ao censo e ao corte que é feito para os cálculos.

Resultados e metas do Brasil

	Anos iniciais do Ensino Fundamental				Anos finais do Ensino Fundamental				Ensino Médio			
	Ideb Observado		Metas		Ideb Observado		Metas		Ideb Observado		Metas	
	2005	2007	2007	2021	2005	2007	2007	2021	2005	2007	2007	2021
TOTAL	3,8	4,2	3,9	6,0	3,5	3,8	3,5	5,5	3,4	3,5	3,4	5,2
Dependência administrativa												
Pública	3,6	4,0	3,6	5,8	3,2	3,5	3,3	5,2	3,1	3,2	3,1	4,9
Federal	6,4	6,2	6,4	7,8	6,3	6,1	6,3	7,6	5,6	5,7	5,6	7,0
Estadual	3,9	4,3	4,0	6,1	3,3	3,6	3,3	5,3	3,0	3,2	3,1	4,9
Municipal	3,4	4,0	3,5	5,7	3,1	3,4	3,1	5,1	2,9	3,2	3,0	4,8
Privada	5,9	6,0	6,0	7,5	5,8	5,8	5,8	7,3	5,6	5,6	5,6	7,0

Bangu; e E. M. Ubaldina Dias Jacaré (6,0), em Campo Grande.

Na E. M. João de Deus (4ª CRE), na Penha Circular, com o melhor índice da rede, a notícia foi recebida com entusiasmo. A unidade já havia obtido o Ideb de 6,3 em 2005. Mas, em dois anos, conseguiu aumentar o valor para 6,9, que seria a meta para 2011. "Atribuo esse resultado à tradição de nosso trabalho de incentivo ao gosto pela leitura, pela escrita e à produção de textos. Desde a Educação Infantil, as crianças são estimuladas a cantar pequenos textos literários e versos. Esse trabalho é intensificado nos ciclos. Temos dia da poesia, saraus, tardes de autógrafos com autores", diz a diretora da escola, Luciana Landrino, que comenta ainda o índice obtido pela unidade.

"Estamos junto com as federais. Isso é motivo de incentivo para continuarmos esse trabalho eficaz. Buscaremos ultrapassar a meta de hoje, melhorando cada vez mais. Os professores trabalham com comprometimento, acompanhando estratégias que contribuam para o desenvolvimento dos alunos. Continuaremos a estimular o aluno a pensar, refletir e ter um pensamento crítico a partir da leitura."

Já a E. M. Friedenreich (2ª CRE), no Maracanã, ultrapassou a média dos países da OCDE

(6,0) pela primeira vez em 2007, com o índice de 6,3. Com o resultado, a escola conseguiu superar até mesmo a meta de 6,2 estabelecida como objetivo apenas para 2011. A diretora da escola, Sandra Russomano, diz acreditar que a conquista é mérito do corpo docente. "O que fez a diferença foi o trabalho e o empenho dos professores. Eles trabalham em equipe e participam das tomadas de decisão. Nossa intenção não era a melhoria do Ideb da escola, mas do aluno. A avaliação é um reconhecimento do trabalho, que fortaleceu ainda mais o grupo. No dia da divulgação dos resultados, todos ficaram extremamente felizes, e o telefone não parava de tocar", lembra Sandra.

A diretora também atribui parte do ótimo resultado ao projeto de reagrupamento realizado pela escola desde o ano passado. Os alunos dos ciclos são reagrupados em novas turmas e com professores diferentes uma vez por semana, para desenvolver a leitura e a escrita. Assim, os educadores passaram a ter contato com todos os alunos e a fazer uma avaliação global deles. "O aluno deixou de ser daquela professora para ser de todos, da escola. Todos estão empenhados no desenvolvimento dele. A grande diferença de nosso trabalho é o compromisso do profissional de educação", complementa Sandra. ■

Um hábito de riscos graves

Professores precisam levar a discussão sobre o tabagismo para escolas e inseri-la nas disciplinas

O tabagismo é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a principal causa de morte evitável em todo o mundo. Estima-se que hoje o número de fumantes corresponda a um terço da população mundial adulta, ou seja, a 1,2 bilhão de pessoas. A OMS calcula que a cada ano morrem 4 milhões de indivíduos em decorrência de doenças causadas diretamente pelos derivados do tabaco. Entre elas, câncer, enfisema pulmonar, bronquite e infarto. São cerca de 50 no total. Mas, ainda mais grave é o fato de que a maior parte dos fumantes adquire o hábito na adolescência. Alertar os jovens sobre os perigos do tabagismo é a chave para a prevenção.

Talvez o mais inquietante seja que 90% dos tabagistas começam a fumar até os 19 anos de idade. Em áreas rurais, a iniciação se dá mais cedo, podendo chegar até os 9 ou 10 anos. Por isso, o tabagismo é considerado doença pediátrica. A cada dia, 100 mil jovens começam a fumar no mundo. Desse total, 80% em países em desenvolvimento. Não é à toa que a juventude seja o grande alvo da propaganda da indústria do cigarro, que associa o fumo a liberdade, independência, ser adulto, ter sucesso e valores que façam o jovem se sentir compelido a se iniciar no vício. “O adolescente experimenta o cigarro para se sentir adulto, imitar seus ídolos. Quando se dá conta de que isso é bobagem, já está viciado”, afirma Ana Helena Rissin, psicóloga do Programa de Controle de Tabagismo da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS).

Outro dado preocupante é que as mulheres, que sempre fumaram menos do que os homens, os estão alcançando rapidamente nos índices de tabagismo. O problema é que o tabagismo é mais nocivo às mulheres. “Nós dizemos que a mulher é o ‘sexo frágil’ para o cigarro. Ela adoce mais por causa dele. Ela toma anticoncepcionais que, associados ao cigarro, são como bomba, porque podem causar problemas cardiovasculares, derrames e trombose, por exemplo. Além

disso, a mulher engravida, e o cigarro é danoso ao feto. Ela também fica mais tempo com os filhos, que sofrem com o tabagismo passivo”, explica Ana Helena.

Aliás, o tabagismo passivo é outro importante problema associado ao hábito de fumar, na medida em que atinge todos os que convivem com o fumante. A OMS estima que se trata da terceira maior causa de morte evitável no mundo, perdendo apenas para o tabagismo ativo e o consumo excessivo de álcool. Estudos indicam que um não-fumante exposto à fumaça do tabaco em seu ambiente de trabalho tem as mesmas chances de adoecer de quem fuma entre quatro e dez cigarros por jornada.

Fim dos fumódromos – Desde 1996, está em vigor lei federal que proíbe fumar em ambientes coletivos, “salvo em área destinada exclusivamente para este fim, devidamente isolada e com arejamento”. Como essas áreas não estão definidas no texto da lei, abriram-se brechas na sua aplicabilidade. No Rio de Janeiro, entretanto, decreto sancionado em maio pelo prefeito que proíbe fumar em ambientes fechados acaba de vez com os espaços conhecidos como fumódromos, comuns em empresas e shoppings.

Criar ambientes livres de tabaco é uma medida importante não só para proteger a população do tabagismo passivo, como também para desencorajar o jovem do hábito de fumar. “Este, muitas vezes, começa a fumar devido à influência de amigos, principalmente, em programas em bares, casas noturnas e festas. Com a proibição nesses lugares, ele perde o estímulo social para fumar. Por isso, é importante também que pais não fumem na frente dos filhos. Além da influência que eles exercem, ainda há os problemas acarretados pelo tabagismo passivo”, analisa a vice-presidente da ONG Aliança de Controle do Tabagismo (ACTBr), Mônica Andreis.

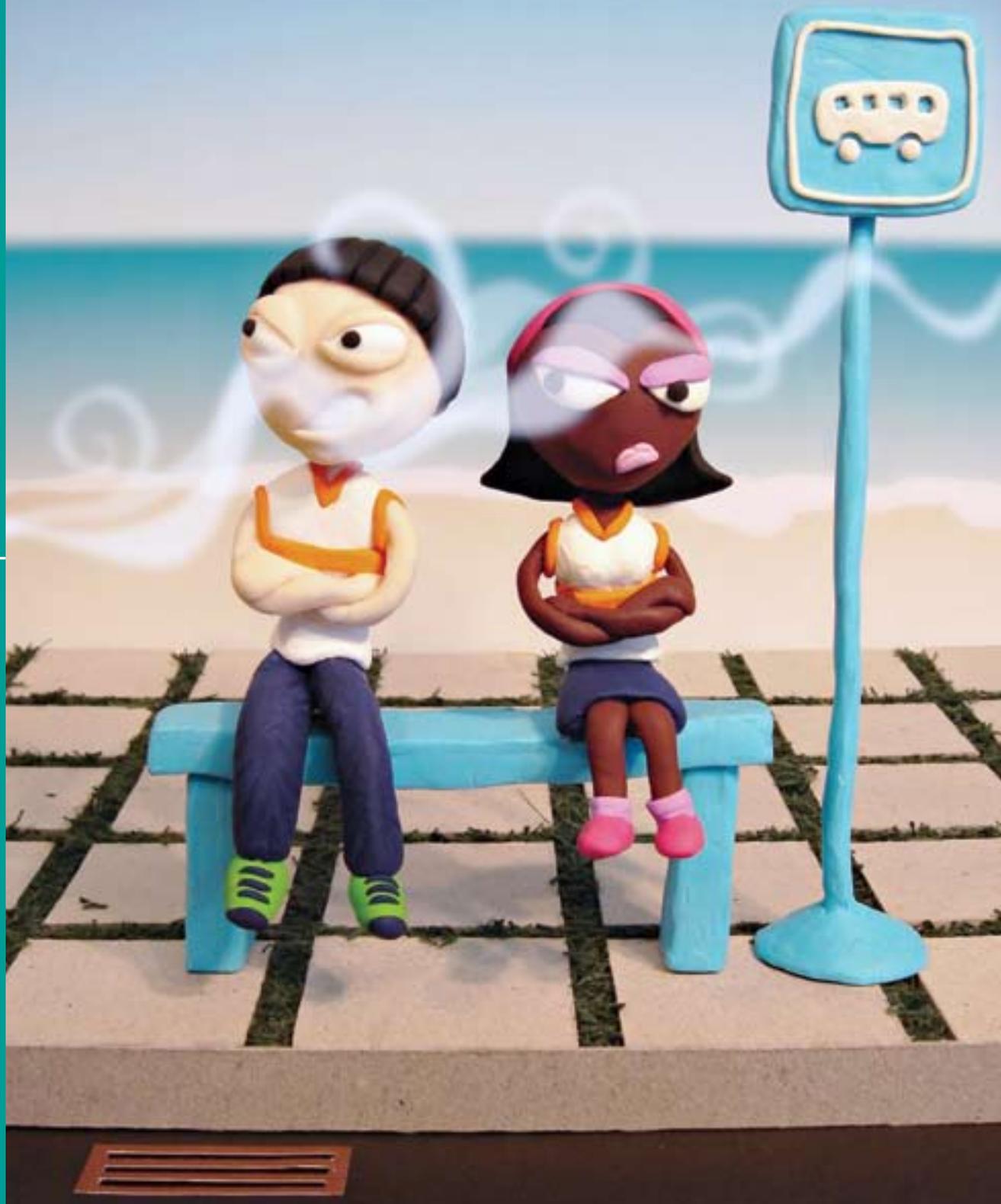
Mônica ressalta que é preciso conscientizar o jovem de que é equivocado achar que não há mal em experimentar um cigarro ou em ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

GUSTAVO CADAR



fumar ocasionalmente. Não há, segundo ela, níveis de consumo seguros. A cada tragada, um fumante ingere mais de 4.700 substâncias tóxicas. “Estudos demonstram que um mês de uso, mesmo que eventual, já é suficiente para provocar mudanças no organismo que podem causar dependência. E a tendência é que o consumo aumente com o tempo, o que acarretará problemas maiores”, avisa a psicóloga da ACTBr. Os números comprovam o poder de adição do cigarro. Dos que o experimentam, entre 30% e 50% se tornam dependentes. Em comparação com o álcool, o índice cai para 10%. Além disso, o tabagismo é uma doença cumulativa: suas seqüelas só se manifestam em 20 ou 30 anos.

Pesquisas revelam que vem caindo o consumo de cigarros no Brasil. Em 1989, 32% da população fumavam. Em 2003, o índice caiu para 19%. Mas ainda há desafios a serem enfrentados. Um deles é o fácil acesso dos jovens. “Mesmo com a lei proibindo o consumo de cigarros por menores, o acesso deles é fácil. O cigarro no Brasil é o segundo mais barato nas Américas e o sexto no mundo. É necessária uma mudança na política de impostos sobre os derivados do tabaco. Embora a carga tributária no país esteja aumentando, os impostos sobre esses derivados vêm caindo. Além disso, a indústria fumageira encontra formas de contornar a proibição de publicidade em outdoors e na televisão. Ela ambienta pontos de venda em shoppings, rodeios, no carnaval e patrocina festas em que promove o consumo”, afirma Mônica.

Estratégias de prevenção – Para prevenir o hábito entre jovens, tanto o Programa de Controle de Tabagismo da SMS quanto o ACTBr investem em material de divulgação, com folhetos e cartazes que tentam falar a linguagem da juventude. “Não adianta falar de doenças com o jovem, porque isto está muito longe da sua realidade. É preciso criar outras estratégias, falar de coisas muito concretas, próximas do seu dia-a-dia, como o gasto que o cigarro representa para o seu bolso, os efeitos estéticos, como o envelhecimento precoce da pele, o amarelamento dos dentes, a perda de fôlego para a prática de esportes e o cheiro que deixa nas roupas e nos cabelos”, explica Ana Helena.

Começar a fumar desde cedo também dificulta a decisão do adulto de parar. Como os adolescentes ainda não têm a personalidade formada, a dependência física cria dependência psicológica e comportamental. “É difícil parar de fumar porque as pessoas constroem suas vidas em torno disso. É algo a que recorrem quando estão felizes, tristes ou ansiosas. Muitas vezes, elas convivem há mais tempo com o cigarro do que com mulher, marido e filhos”, explica Ana Helena.

Para parar de fumar é preciso refutar crenças. A principal delas, a de que a nicotina acalma. Na verdade, é uma substância estimulante. A sensação de calma vem da síndrome de abstinência. O corpo necessita da nicotina. O indivíduo sente ansiedade, perda de concentração, irritabilidade, além de outros sintomas que irão embora uma vez que ele acenda um cigarro e fume.

Também é importante lembrar que nunca é tarde para abandonar o tabagismo. Os efeitos benéficos para o organismo começam quase que imediatamente. Em 24 horas, as chances de sofrer um ataque cardíaco diminuem. Entre duas semanas a três meses depois, a circulação melhora e a função pulmonar aumenta em até 30%. De um a nove meses depois, diminuem a tosse, a congestão nasal, o cansaço, a falta de fôlego, e o pulmão fica menos suscetível a infecções. Depois de um ano, a chance de ter um ataque do coração fica reduzida pela metade. Em dez anos, o risco de morrer de câncer de pulmão cai pela metade em relação a um fumante.

Ana Helena ressalta que é importante treinar professores sobre o tabagismo e discuti-lo nas escolas, com a inserção do assunto nas disciplinas, além de distribuir material de divulgação com informações sobre suas consequências e incentivar campanhas voltadas para os jovens. “Deve ser um assunto rotineiro para que as pessoas possam entender a gravidade dos riscos”, comenta. Mônica acrescenta: “É preciso acabar com essa imagem glamourizada do cigarro. O jovem tem de saber que ele não vai se tornar mais adulto, seguro ou bem-sucedido porque fuma. Ele precisa entender que está sendo manipulado pela indústria do tabaco, e isso vai resultar em escravidão. Se ele entender, não vai entrar nessa.” ■

SAIBA MAIS

Internet

Programa de Controle do Tabagismo da SMS: www.saude.rio.rj.gov.br (portal) e tabagismo@rio.rj.gov.br (endereço eletrônico).

ACTBr: www.actbr.org.br

Na colcha de retalhos com pinturas feitas em pano de chão, cada aluno desenhou suas lembranças

Leitura aliada ao prazer

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Assistindo a televisão, ouvindo música, apreciando uma pintura... o tempo todo, o ser humano está lendo, interpretando a realidade a sua volta. E o mundo apresenta diversas formas de leitura que vão além da escrita. A leitura dos rostos, das vozes e das formas artísticas, por exemplo, é parte de um mosaico que ajuda o homem a constituir o seu conhecimento sobre o mundo.

Na Escola Municipal Motorista Paschoal André (6ª CRE), na Pavuna, ler o mundo foi o ponto de partida para que alunos que não conseguiam decifrar as palavras desenvolvessem a leitura, a escrita e a expressão, em todas as suas formas. O projeto “A leitura da vida e a vida na leitura” reagrupa alunos do ano final do primeiro ciclo, com conceitos RR ou R, e retidos no ano letivo de 2007. Eles são reunidos em uma turma em que o prazer da leitura estimula a descoberta de novas possibilidades de expressão.

A turma “Somos especiais”, nome dado pelas próprias crianças, é composta por estudantes com rendimento escolar prejudicado pela dificuldade de ler ou escrever. Eles participam do projeto quatro dias por semana e regressam a suas turmas de origem no dia restante. “São crianças que não conseguiam desenvolver a

leitura e a escrita, sentindo-se isoladas e incapazes em suas turmas. Então, reagrupamos esses alunos para trabalhar com eles apenas em cima do prazer de ler e escrever”, diz a professora da turma, Paula Moita.

O primeiro passo foi mostrar aos estudantes que eles são capazes de ler, mesmo sem ainda dominar a escrita. O trabalho liberta os alunos da obrigação da escrita em um primeiro momento, levando-os a desenvolver a capacidade de interpretação e expressão independentemente dos meios. Na sala de aula, a leitura se desamarra do conceito de decodificar símbolos escritos e é apresentada como a possibilidade de interpretar todo tipo de informação. Assim, os alunos interpretam músicas, pinturas, poemas e passam a se expressar por meio de diversas linguagens – verbal, gráfica, plástica, corporal –, desenvolvendo a capacidade de comunicar suas idéias.

A leitura, ampliada em seu conceito, mostra aos alunos que eles já são capazes de ler e expande a maneira pela qual eles percebem o mundo. As atividades envolvem rodas de leitura diárias seguidas de reflexões em grupo e produções individuais e coletivas. “Infelizmente, a escola atrela a leitura ao papel, mas ela é do

mundo. Há outras maneiras de expressão, e mostramos que eles podem escrever para o mundo sem o trauma de errar uma letra”, ressalta Paula Moita.

Para trabalhar o tema “casa”, por exemplo, a professora utilizou música, poema, linguagem corporal e imagética. Os alunos primeiro criaram uma coreografia que representasse trechos da cantiga *A casa torta*, de autor desconhecido. O segundo passo foi produzir desenhos a partir de trechos da música, permitindo a interpretação e a produção de imagens. Em seguida, as crianças conheceram o poema *A casa*, de Vinicius de Moraes, para, então, começar a produzir um texto sobre a casa onde moram. Um roteiro de perguntas foi montado para ajudá-las a descrever o lugar e depois reunir as informações em um único texto. Por fim, os estudantes construíram maquetes de casas bem coloridas.

A professora Paula Moita explica o objetivo da diversidade na produção. “O aluno tem que ter subsídios para escrever. Damos isso de maneira lúdica para que ele adquira propriedade para se expressar sem se sentir pressionado. Assim, a tarefa é feita de forma prazerosa, sem o tom de obrigatoriedade das lições escolares”, diz Paula.

Os alunos também já produziram uma colcha de retalhos com pinturas feitas em pano de chão, retratando suas lembranças. O trabalho é o resultado do fichamento do livro *A colcha de retalhos*, de Conceil Corrêa da Silva, feito de uma forma bem diferente.

A alfabetização acontece de maneira sutil, inserida nas atividades praticadas. O alfabeto e a escrita de cada letra estão o tempo todo presentes. Segundo a professora, o resultado observado é de um aprendizado mais natural, que respeita o desenvolvimento de cada um dos 36 alunos.

Beatriz dos Santos, de 9 anos, começou a participar do projeto no ano passado, quando não conhecia sequer as letras do alfabeto. Hoje, ainda omite alguns grafemas, mas já escreve palavras completas. “Eu já aprendi muito e escrevo o meu nome”, conta a menina, com um grande sorriso de satisfação.

Todos os alunos da turma “Somos especiais” apresentam particularidades observadas com atenção pelo pólo de atendimento extra-escolar. Alguns sofrem de patologias psicoló-

gicas e até neurológicas. Mas o mais comum são problemas de auto-estima. Por isso, o acolhimento é considerado a chave do projeto. “A diferença é que, aqui, o problema vivido em casa pela criança passa a ser importante para todos. Há crianças que já estavam se desviando para a marginalidade, mas entraram para o projeto e hoje se sentem capazes e valorizadas. Elas não sabiam nem as letras do próprio nome e hoje podem se expressar. A escola ganhou um novo significado para elas”, afirma Paula.

Justamente para levantar a auto-estima, as atividades são pensadas para valorizar a capacidade de cada indivíduo. Atualmente, os alunos estão estudando por meio de histórias em quadrinhos de apenas uma página, com bastante apoio visual para a interpretação de textos. “A linguagem dos quadrinhos encanta as crianças e, pela simplicidade, dá a elas autonomia de leitura e, conseqüentemente, autoconfiança”, diz a professora.

A avaliação dos alunos é contínua, feita durante as atividades propostas. A professora está sempre observando o quanto o aluno já progrediu em suas colocações orais, nas interpretações e na execução de tarefas. Para que a avaliação seja um reflexo do progresso individual, é realizada uma comparação dos níveis de desenvolvimento pessoal. O desempenho na turma de origem – uma vez por semana – também é acompanhado. Quando o aluno conquista independência na leitura e na escrita, ele retorna à classe de origem.

O projeto “A leitura da vida e a vida na leitura” rendeu ainda dois subprojetos. O primeiro deles leva as crianças a conhecer a história e a cultura da cidade do Rio de Janeiro em aulas-passeio. Em maio, os alunos visitaram o Pão de Açúcar e produziram depois uma coletânea de desenhos com suas impressões sobre o passeio.

O segundo projeto, com início previsto para agosto, quer despertar o prazer pela leitura em pais e parentes dos estudantes, conquistando espaço para o ato de ler no núcleo familiar. Às sextas-feiras, cada aluno levará um livro para casa para ler com um parente. As obras têm textos pequenos e poucas páginas, para facilitar a vivência dos alunos ainda em início de processo cognitivo. Ao retornar na segunda-feira, o estudante devolverá o livro e discutirá a sua experiência com os colegas. ■



SALAS-AMBIENTE

Novos espaços para aprender

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Uma escola em que os professores têm suas próprias salas de aula, com recursos pedagógicos ao alcance das mãos. Esta não é uma descrição do imaginário, mas do possível – pelo menos na Escola Municipal Professor Júlio de Mesquita (8ª CRE), em Bangu, onde cada disciplina é oferecida em uma sala específica, equipada com tudo o que se relaciona ao seu

conteúdo. Agora, quem muda de lugar são os alunos, e não os professores.

O projeto pedagógico, batizado de “Salas-ambiente”, começou a ser elaborado há quatro anos e tem como meta motivar os estudantes a se interessarem mais pelas aulas. “A cada ano, buscamos um diferencial. Mudamos o ambiente para que os alunos sintam vontade de ficar na

escola. Tudo o que fazemos tem como objetivo melhorar a qualidade do ensino”, diz a diretora Tereza Cândida Raymundo. As salas estão disponíveis para adolescentes do último ano do segundo e terceiro ciclos.

Nova disposição – A primeira novidade surgiu no ano passado, quando as cadeiras passaram a ser dispostas em U e não mais enfileiradas, como é o mais usual. De acordo com a diretora, isso proporcionou aos alunos uma visão melhor do professor e vice-versa. Este ano, as inovações foram mais ousadas, com a transformação de salas de aula comuns em salas-ambiente. São duas salas-ambiente para cada disciplina, além de salas de música, de leitura, de técnicas e de multimídia.

Segundo Tereza, a mudança fez com que os professores ficassem responsáveis por tudo o que há nas salas – dos recursos pedagógicos à chave da porta. Hoje, eles dispõem de todos os materiais necessários para trabalhar em um único espaço, sem precisar buscá-los na sala dos professores.

Na sala de Matemática, por exemplo, há esquadros, transferidores e jogos, assim como na sala de Geografia, globo terrestre, mapas e material de pesquisa. Com duas salas-ambiente para cada disciplina, alunos que vão ter aula de Ciências podem se dirigir tanto para uma sala equipada com material didático como para uma outra, com material de laboratório. Todas as salas têm murais e dicionário.

De acordo com a diretora, os professores passaram a dar mais valor aos murais e a decorá-los com mais afinco, já que estes passaram a acumular outra função – a de preservar a identidade de cada turma. É nos murais que os professores expõem os trabalhos dos alunos e destacam os aniversariantes do mês. “É a oportunidade de mostrar como a turma está trabalhando e apresentar às outras o resultado obtido. As salas ficam bem humanizadas, e isso serve para unir os alunos, já que eles passam a conhecer o que os colegas estão desenvolvendo”, ressalta a coordenadora pedagógica Márcia Godinho, acrescentando que a unidade aposta em valores como socialização, cooperação e integração do ambiente escolar.

As salas especiais têm seus atrativos também. A de música está equipada com piano,

violão e instrumentos de percussão. É nela que o coral da escola ensaia seus números musicais e a garotada faz exercícios de relaxamento. Na sala de técnicas, são oferecidos cursos como os de eletricidade, hidráulica e noções de contabilidade.

Apesar da divisão de salas por disciplina, a escola valoriza a interdisciplinaridade. Os professores se reúnem todas as quartas-feiras para discutir os conteúdos a serem trabalhados, sem perder o foco de que é algo que deve se relacionar com outras disciplinas. De acordo com Márcia, com mais tempo livre de pesquisa, os professores produzem conteúdos com uma abordagem interdisciplinar mais efetiva.

A diretora enumera alguns pontos positivos da reformulação do espaço físico na escola. Primeiro, os estudantes não se dispersam mais nos intervalos, em um entra-e-sai de sala o tempo todo. São obrigados a trocar de sala, e isso faz com que se movimentem constantemente. E a maior surpresa é que não se perde tempo com o entra-e-sai. De acordo com Tereza Cândida, o tempo de mudança dos alunos de uma sala para outra é de apenas cinco minutos e, como o professor permanece nas salas-ambiente, ele pode logo iniciar a sua aula. “Sinto que os professores estão mais descansados, sobra mais tempo para suas matérias e eles acabam rendendo mais”, comemora a diretora.

Outro ponto positivo, na avaliação da coordenadora pedagógica, é que, com espaços mais adequados a cada disciplina, os estudantes passam a se interessar mais pelos trabalhos de pesquisa. “No início, os professores ficavam temerosos, mas resolveram apostar na idéia, e os alunos a aceitaram bem. Hoje sinto que há mais prazer em aprender. Descobrimos, todos, que é possível promover mudanças somente com a reorganização do espaço físico na escola, sem precisar mexer na grade curricular”, completa Márcia Godinho.

O sucesso do “Salas-ambiente” é tanto que já se cogita a criação de outros ambientes na escola. Há planos, por exemplo, de uma sala de dança e outra de jogos, com pingue-pongue, totó e outros atrativos. “Tínhamos um alto índice de evasão. Ainda não dá para contabilizar em números, mas já percebemos mudanças grativas”, diz acreditar Márcia. ■



Herança de sabores exóticos

Hábitos alimentares portugueses sofreram adaptações ao se misturar aos de indígenas e africanos

“Nesta terra, em se plantando, tudo dá”, disse Pero Vaz de Caminha, em carta ao rei de Portugal, quando o Brasil foi descoberto. Trezentos e oito anos depois, a própria Família Real, ao se firmar no país, teve a oportunidade de conferir a variedade de alimentos oriundos de nosso solo, representada por tubérculos, raízes, verduras e frutas silvestres. A nobreza, que misturou a sua gastronomia europeia a ingredientes nativos indígenas, acabou por sofrer também a influência dos hábitos africanos. Ainda assim, as diferentes classes sociais tinham suas peculiaridades em relação à alimentação.

Para resgatar um pouco da culinária da Corte Portuguesa, está sendo relançado, este mês, o livro *Arte de cozinha*, escrito por Domingos Rodrigues (1637-1719), mestre-de-cozinha da Família Real Portuguesa, e com introdução da antropóloga Paula Pinto e Silva. Algumas receitas foram testadas e adaptadas pela chef Flávia Quaresma. A publicação é a primeira sobre culinária em língua portuguesa e data de 1680.

Segundo a antropóloga, por muito tempo essa foi a obra que orientou a cozinha da Corte Portuguesa. “Quando D. João chegou ao Brasil, trouxe consigo uma enorme biblioteca e, nela, um exemplar de *Arte de cozinha*. A publicação não fala da culinária do século XIX, mas de uma culinária iniciada séculos antes. Isso ajuda a mostrar uma estrutura gastronômica que é de longa duração, que percorre tempos e lugares muito distintos, e que será modificada radicalmente a partir da instalação da Família Real no Brasil”, explica Paula.

A corte trouxe consigo uma provisão de ingredientes estrangeiros, que incluía farinha de trigo, azeite e vinho tinto. A nobreza se alimentava de cereais, mingaus, carnes, laticínios e sopas. Já os portugueses mais pobres consumiam papa de milho, pão e alguns legumes. Durante todo o período colonial, os navios portugueses traziam uma infinidade de alimentos do Velho Mundo, que incluía sobras de pão embo-

lorado, biscoitos e passas de frutas imprestáveis, restos de presunto defumado e pedaços de peixes secos, quase podres.

Ao aportarem em terras brasileiras, os lusitanos se depararam com uma população indígena, cuja dieta alimentar era marcada pelo consumo de carnes de caça, peixes, répteis e mariscos, raízes e tubérculos cozidos e muitos frutos silvestres. Da mandioca, os índios fabricavam o beiju; do milho, o cauim (um tipo de bebida fermentada à base de mandioca, milho e frutas); e em menor proporção, tanto da mandioca como do milho, produziam as farinhas, que passaram a ser usadas cotidianamente na alimentação do Brasil colonial.

Autora do livro *Farinha, feijão e carne seca: um tripé culinário no Brasil colonial*, Paula relata que, até o século XVIII, boa parte dos europeus tinha o costume de consumir sopas e mingaus à base de cereais e caldos quentes feitos com verdura. Em menor quantidade, ficavam ervilhas e grãos-de-bico, ovos, carne fresca e, em grande medida, carnes e peixes defumados ou salgados. Esses hábitos, na verdade, estavam relacionados à condição climática. Mas, passado algum tempo, foi necessária uma adaptação que exigiu muita negociação entre índios, brancos e negros. “Encontramos relatos de cozinheiros franceses e portugueses que chegam junto ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

IMAGENS

REPRODUÇÕES DO LIVRO

VOYAGE PITTORESQUE ET

HISTORIQUE AU BRESIL, DE JEAN

BAPTISTE DEBRET (FOTOS DE

ALBERTO JACOB FILHO)

Curiosidades

O livro *Arte de cozinha*, publicado em 1680, contém 300 receitas de época. Entretanto, a publicação presente foi feita a partir de um exemplar com data de 1794, do acervo da Biblioteca Nacional. Com o intuito de facilitar a compreensão dos métodos gastronômicos e os nomes dos alimentos, a nova edição ganhou um glossário. Entre as mais de 70 explicações, há termos curiosos. A seguir, alguns:

- **Aboborar** – ensopar.
- **Albardar** – passar o alimento em ovos para fritar.
- **Descaídas** – miúdos de aves.
- **Pingo** – banha derretida.
- **Salpicão** – paio ou chouriço de carne de porco.



com a Família Real, mas não sabemos quem são. A adaptação foi feita a partir da substituição de alguns ingredientes por outros, como as farinhas da terra [de mandioca e de milho] substituindo a farinha de trigo, tanto em preparações doces como salgadas”, constata a antropóloga.

O feijão, elemento tradicional da culinária brasileira – assim como a abóbora, as favas e o inhame –, existia desde cedo na cultura alimentar indígena. Assim como as favas e os amendoins, a leguminosa era cozida apenas com água (depois escorrida em peneiras ou pelas mãos) e comida geralmente aos punhados, ou seja, a sua consistência era seca.

Segundo a antropóloga, em seu livro, o modo de preparo do feijão com caldo foi adaptado das práticas lusitanas de cozinhar. Acostumados a grãos e cereais cozidos em caldos, os portugueses preservaram a tradição ao inserir o feijão no seu cardápio. Foi a solução encontrada para umedecer a comida nativa, considerada seca, adaptando-a ao paladar europeu, que preferia uma refeição de consistência mais viscosa.

De acordo com Paula, essa foi uma época de aprendizado de modos à mesa também. Os talheres serviam mais para demarcar territórios sociais, ou seja, para mostrar quem fazia e quem não fazia parte da sociedade (e, conseqüentemente, conhecia os bons modos). Mas, como tudo o que é imposto, o processo foi gradual, os modos à mesa e o hábito de usar talheres e utensílios de cozinha nas refeições foram sendo adquiridos aos poucos.

O povo nem sempre consumia à mesa o mesmo que a elite. Segundo a professora titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense (UFF) Sheila de Castro Faria, os escravos urbanos caçavam pequenos animais, como lagartos e aves, para comer. Havia muitos brejos e, por isso, os caranguejos também faziam parte do cardápio. Além de porcos, que não eram criados em cativeiro.

A população mais pobre, muitas vezes, recorria às tendas de negras, que tinham autorização oficial para vender angu à base de farinha de mandioca e de carne. De acordo com a historiadora da UFF, essas tendas se tornaram, na segunda metade do século XIX, as “casas de zungu”, ou lugares de alimentação popular, que também serviam de esconderijo para escravos fugitivos. Em tabuleiros encontrados pelas ruas, escravas vendiam cocada, doces de fruta, bolos e biscoitos, além de amuletos, objetos religiosos e folhas de arruda.

“Eles [os escravos] comiam milho tostado. Nas imagens de [Jean-Baptiste] Debret, são vistos vários deles assando milho no fogo. Outras opções eram as frutas que eles colhiam, como o limão, a laranja e um tipo de ananás que não é o abacaxi que conhecemos hoje. A banana também era muito consumida. Sem falar dos tubérculos, como o inhame, o cará e a abóbora, que eram famosos na África”, acrescenta a historiadora.

Já para os escravos da área rural, como viviam em fazendas, o horário das refeições era mais rígido, de acordo com Sheila. Sua alimentação era à base de charque e peixe, além da farinha de mandioca, feita com doce. “A farinha de mandioca estava presente na casa de gente de todas as classes sociais. Muitos a comiam com pimenta”, ressalta a historiadora da UFF. Temperos africanos como a pimenta malagueta e o dendê eram usados habitualmente nas refeições.

Um detalhe é que a culinária africana não é vista apenas como alimento do corpo, mas da alma. Sheila ressalta que os escravos usavam pouco sal porque o relacionavam ao batismo cristão. Outra curiosidade é que a abóbora moranga era vista por eles como um ingrediente que enfraquecia os homens, o que restringia o seu consumo apenas às mulheres.

Entretanto, havia algo de exótico nos hábitos alimentares herdados da África. Segundo Sheila, bandos provenientes do Congo, de Angola e de Moçambique apreciavam uma espécie de camundongo cozido. Sem falar das formigas aladas, uma espécie de tanajura, que era frita em gordura. “Sabe-se que, em certa ocasião, um francês chamado Charles comeu umas bolinhas pretas e ficou enjoado ao saber que eram formigas. Aos poucos, o hábito foi caindo em desuso”, comenta a historiadora. ■

SAIBA MAIS

- *Arte de cozinha*, de Domingos Rodrigues. Prefácio de Paula Pinto e Silva e receitas da chef Flávia Quaresma. Rio de Janeiro, Senac, 2008.
- *Farinha, feijão e carne seca: um tripé culinário no Brasil colonial*, de Paula Pinto e Silva. São Paulo, Senac. Vencedor do prêmio Gourmand Cookbook, de 2005.

Olhar atento às novidades

As grandes invenções do século XIX foram presença constante na literatura de Machado de Assis

Um mundo repleto de invenções e descobertas. Foi assim que Machado de Assis o encontrou, em pleno século XIX. Por morar no Rio de Janeiro, capital do Império, o escritor acompanhou a chegada por aqui da fotografia, do telégrafo e do telefone e discorreu, em suas crônicas e seus contos, sobre novidades como o bonde elétrico e a febre dos verões de seu tempo: o sorvete. Muitas dessas inovações mudariam para sempre o cotidiano e os hábitos da cidade.

O sorvete veio parar em terras cariocas cinco anos antes de Machado nascer, em 1834. Naquele ano, o navio *Madagascar*, vindo de Boston, chegou ao Rio com cerca de 200 toneladas de gelo em bloco para fazer sorvete. O carregamento foi armazenado com serragem em depósitos subterrâneos e conservado por aproximadamente cinco meses. Os comerciantes Deroche e Lorenzo Callas foram os primeiros a se servir desse gelo para fabricar sorvetes de frutas em seus estabelecimentos – um no Largo do Paço (hoje Praça XV) e outro na Rua do Ouvidor. Como na época não havia jeito de conservar as iguarias depois de prontas, as sorveterias eram obrigadas a anunciar a hora certa para tomá-las, o que causava euforia na cidade.

Machado de Assis produziu textos em que cita a nova mania carioca. Um dos trechos está na obra *Miss Dolar*, publicada em *Contos Fluminenses*, de 1870: “Achava-se Mendonça uma vez à porta do Carceller, onde acabava de tomar sorvete em companhia de um indivíduo, amigo dele, quando viu passar um carro, e dentro do carro duas senhoras que lhe pareceram as senhoras de Matacavalos.” Carceller era o nome de uma confeitaria que existiu por



volta de 1860 na Rua Primeiro de Março (antiga Rua Direita) e que pertencia à viúva de José Tomás Carceller.

Na crônica publicada em *A Semana*, no dia 30 de dezembro de 1894, Machado fala mais uma vez sobre a iguaria: “Era um velho tonto, vago, dubitativo, incerto do que via, do que ouvia, do que bebia. Tomou um sorvete, crendo que era café e achou o café extremamente gelado. Há sorvetes de café, disse eu, para ver se o traria à afirmação antiga; concordou que sim, embora pudesse ser que não...”

A fotografia foi uma das mais revolucionárias invenções do século XIX. Sua história no ▶

Daguerreótipo – antigo aparelho fotográfico inventado por Daguerre (1787-1851), físico e pintor francês, que fixava as imagens na câmara escura em uma folha de prata sobre uma placa de cobre.

A máquina fotográfica era a própria “vedete”: muitas vezes a idéia era posar ao lado dela

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

COLEÇÃO THEREZA CRISTINA/
BIBLIOTECA NACIONAL

SAIBA MAIS

Livros

- *Machado de Assis – um gênio brasileiro*, de Daniel Piza. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- *Machado e Juca*, de Luiz Antônio Aguiar. São Paulo, Saraiva, 2004 (livro infantil-juvenil)
- *Para conhecer Machado de Assis*, de Keila Grinberg, Lucia Grinberg e Anita Correia Lima de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

Internet

- Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br

Revista

- NÓS DA ESCOLA, edições 56, 57, 58, 59, 60 e 61.

Brasil remonta à chegada do daguerreótipo¹ ao Rio, em 1839, pelas mãos do francês Hercule Florence. A primeira foto produzida no país data de 1840 – um daguerreótipo do Paço Imperial mostrando a comitiva do recém-coroadado Imperador Pedro II. A partir de 1860, a arte se popularizou, deixando de ser uma excentricidade de poucos e passando a ser uma atividade comercial, com ateliês espalhados pelas ruas. Muitas fotos eram vendidas como cartões-postais para europeus em visita à cidade.

Em 1864, Machado fala sobre a chegada da primeira máquina fotográfica ao país pelas mãos do padre de nome Combes. Segundo o escritor, na manhã do dia 16 de janeiro de 1840, o padre reproduziu três das visitas que fizera ao largo do Paço, à Praça do Mercado e ao Mosteiro de São Bento. Eis as palavras do cronista: “ (...) é isto o que referem as gazetas do tempo. Desde então para cá, isto é, no espaço de vinte e quatro anos, a máquina do padre Combes produziu as trinta casas que hoje contam na capital, destinadas a produzir as feições de todos quantos quiserem passar à posteridade.”

Outra novidade vinda da Europa foi o telégrafo. Criado em 1844, por Samuel Morse (1791-1872), chegou ao Brasil oito anos depois. Além de facilitar a comunicação entre o Palácio Imperial e o Quartel do Campo, no Rio de Janeiro, tratava-se de um projeto de modernização do país. Em 1853, fortalecida a necessidade de integração política, o sistema telegráfico foi ampliado, passando a constituir uma pequena rede, incluindo o quartel-general, o Morro do Castelo, o quartel de permanentes e os Arsenais de Guerra e da Marinha.

Machado tratou do acontecimento, mas não poupou críticas, com a justificativa de que poderia criar uma enorme confusão na comunicação entre as pessoas: “ (...) seu mérito é a rapidez; seu defeito é a concisão e a confusão. Tem obrigação de dizer as coisas por meias palavras, às vezes por sombras de palavras; e o resultado é dizer muitas vezes outra coisa.” (*Obras*, volume 24, 1857)

As invenções se multiplicavam a cada dia. O microfone prático, por exemplo, fora crucial para o desenvolvimento inicial do sistema telefônico. Ele foi inventado por Émile Berliner (1851-1929), porém o primeiro usável foi fabri-

cado por Alexander Graham Bell (1847-1922). Este apresentou o seu mais novo invento, o telefone, na Exposição de Filadélfia, em 1877. O Imperador do Brasil, Dom Pedro II, visitou a feira e ficou tão interessado na novidade que fez uma encomenda de cem aparelhos para o país. Existem versões de que ele exclamou diante do telefone de Graham Bell: “Meu Deus, isto fala!” No ano seguinte, foi instalado o primeiro aparelho no Rio de Janeiro. Em 1883, a cidade já contava com cinco centrais telefônicas, cada uma com capacidade para mil linhas.

Em crônica de 23 de junho de 1878, Machado fala ainda da sua impressão sobre o microfone, mas não faz qualquer comentário sobre o telefone: “Provavelmente o leitor já teve notícia do microfone, um instrumento que dá maior intensidade ao som e permite ouvir, muito longe, até o vôo de um mosquito. Leram bem: um mosquito. Não tardará que nos faça ouvir o germinar de uma planta e até o alvorecer de uma idéia. Talvez cheguemos à perfeição de escutar o silêncio.” (crônica do livro *Idéias e imagens de Machado de Assis*, organizado por R. Magalhães Júnior)

O surgimento do primeiro bonde elétrico também não passou incólume pelas mãos do autor de *Dom Casmurro*. Os bondes chegaram ao país, mais precisamente ao Rio de Janeiro, em 8 de outubro de 1892, pela Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico, depois incorporada pela Light. Os novos bondes mudaram radicalmente o cotidiano das pessoas. Em crônica para *A Semana*, no dia 16 daqueles mês e ano, o escritor registrou suas primeiras impressões: “O que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu *bond*, com um grande ar de superioridade. (...) Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o *bond* elétrico, mas a própria eletricidade”, relata um bem-humorado Machado de Assis.

Como se vê, as crônicas e os contos de Machado adquiriram enorme importância para preservar a memória do Rio de Janeiro e do Brasil e tornaram-se preciosos objetos de estudo sobre a história do Brasil no século XIX. Nos seus romances, também há referências importantes sobre a sociedade carioca daquela época com seus costumes e suas tradições. ■

Dedicamos a seção deste mês a livros e filmes que falam sobre culinária.

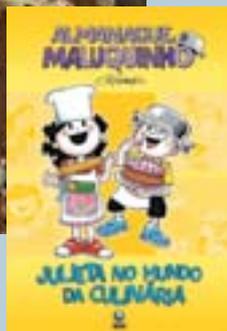
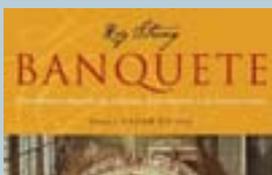
Livros

Banquete – uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fartura à mesa

Roy C. Strong

Editora Jorge Zahar, 2004

O que acontece quando nos reunimos para jantar? Mais do que apenas comer, acredita o historiador Roy Strong, que nesse *Banquete* analisa cinco milênios de refeições cerimoniais – dos antigos babilônios até os dias atuais –, mostrando como os costumes que cercam os grandes jantares espelham de maneira privilegiada a estrutura social. Tendo como



foco aquela que durante séculos foi a principal refeição do dia, o jantar, o autor examina, apoiado em narrativas literárias e farto material iconográfico, o desenvolvimento das maneiras à mesa.

Julieta no mundo da culinária

Ziraldo

Editora Globo, 2008

Aos comandos de Julieta, a turma do Menino Maluquinho invade a cozinha para uma verdadeira aula de culinária. Além de histórias em quadrinhos, Julieta ensina a fazer seis receitas.

Filmes



A festa de Babette

Direção: Gabriel Axel, 1987

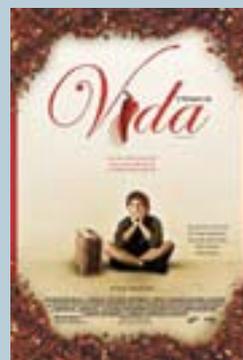
Babette é uma francesa que vai viver em uma cidadezinha dinamarquesa, onde cuidará de um casal de velhos, da limpeza da casa e da cozinha. E é cozinhando que ela se sai melhor, preparando grandiosos banquetes.



Como água para chocolate

Direção: Alfonso Arau, 1992

Uma jovem é vítima de uma tradição local, que diz que a filha mais nova não pode se casar, para cuidar da mãe até a morte. Mas ela se apaixona por um jovem, que aceita se casar com a irmã dela apenas para ficar a seu lado.



O tempero da vida

Direção: Tassos Boulmetis, 2003

Fanis é um garoto grego que vive em Istambul, Turquia. Seu avô é um filósofo culinário que o ensina que tanto a comida quanto a vida precisam de um pouco de sal para ganhar sabor. Ao crescer, Fanis se torna um astrofísico, que usa seus dotes de culinária para temperar as vidas das pessoas que o cercam. Ao completar 35 anos de idade, ele decide deixar Atenas e retornar a Istambul, para reencontrar o avô e também o seu primeiro amor.

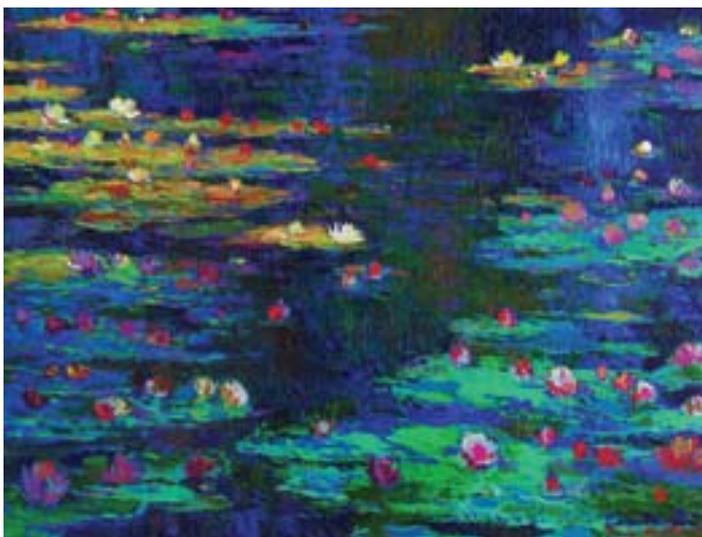
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Ninguém merece	Br@nché (Lingua Francesa) Acervo MULTIRIO Tons e sons	Nós da Escola Temas: Alfabetização 2, O que é dengue, entre outros.	Matilda Uni Duni TV	Aventuras cariocas Juro que vi Cortinas (22)	9h-9h30 Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Gerúndio e Cacófato Matilda Uni Duni TV
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Ninguém merece
Net - canal 14							
7h30 - 8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados
8h-9h	Tempo e clima Contos desfeitos Um sonho de criança As formas do invisível Museu mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zoo 64 Aqui no meu país	Tempo e clima Contos desfeitos Um sonho de criança As formas do invisível Museu mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zoo 64 Aqui no meu país	Tempo e clima Contos desfeitos Um sonho de criança As formas do invisível Museu mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zoo 64 Aqui no meu país	Tempo e clima Contos desfeitos Um sonho de criança As formas do invisível Museu mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zoo 64 Aqui no meu país	Tempo e clima Contos desfeitos Um sonho de criança As formas do invisível Museu mutante Lucas e Lucinda A Rua do Zoo 64 Aqui no meu país	Juro que vi Aventuras cariocas Abrindo o Verbo Temas: Beleza na cabeça, Ano da Física, entre outros.	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
9h-9h30	Abrindo o Verbo Temas: Beleza na cabeça, Ano da Física, entre outros.	Cantos do Rio Convidados: Sérgio Santos, Mart' Nália, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Guti Fraga, entre outros.	Nós da Escola Temas: Alfabetização 2, O que é dengue, entre outros.	Aventuras cariocas Juro que vi	Crônicas da minha escola Abraço completo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
9h30-10h	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Criatividade Memórias cariocas Gerúndio e Cacófato Conversa de criança Atletas do Rio	
10h-10h30	Aventuras cariocas Juro que vi	Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Guti Fraga, entre outros.	Abrindo o Verbo Temas: Beleza na cabeça, Ano da Física, entre outros.	Cantos do Rio Convidados: Sérgio Santos, Mart' Nália, entre outros.	Nós da Escola Temas: Alfabetização 2, O que é dengue, entre outros.	Ninguém merece	Documentário Especial A civilização do cacau (3), Brasil em movimento – A guerra civil (10), Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (17), Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (24), O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (31)
10h30-11h	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	O mundo secreto dos jardins	Viajantes da História	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Shakespeare: histórias animadas	Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Guti Fraga, entre outros.	
11h-11h30	Contos de fadas poloneses É tempo de diversão	Vamos brincar As religiões do mundo	Documentário Especial Brasil em movimento – A guerra civil (6), Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (13), Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (20), O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (27)	Ninguém merece	Viajantes da História	Nós da Escola Temas: Alfabetização 2, O que é dengue, entre outros. Cortinas (23)	Uni Duni TV
11h30-12h	Crônicas da minha escola Abraço completo	Contos de Wilde		Arte na galeria	Contos de Wilde	A série infantil Uni Duni TV é voltada para crianças de 3 a 6 anos, aliando diversão à educação, com narrativas curiosas e bem-humoradas. O programa mostra o cotidiano de uma emissora de televisão de faz-de-conta, onde trabalham Valdisnei Tavares (Arlindo Lopes) e Tereza Vereza (Marianna Rhosa), junto com os bonecos Uni e Duni. Uni Duni TV vai ao ar na BandRio, na quinta-feira, às 14h10, e no domingo, às 9h10. Já no canal 14 da Net, a exibição é no domingo, às 11h, e na segunda-feira, às 12h15.	
12h-12h30	Reflets Uni Duni TV	Reflets Memórias cariocas Conversa de criança	Reflets Abraço completo Gerúndio e Cacófato	Reflets A arte em questão	Br@nché (Lingua Francesa)		
12h30-13h	Criatividade Nós da Escola Temas: Alfabetização 2, O que é dengue, entre outros.	Aventuras cariocas Juro que vi	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da minha escola Atletas do Rio	Ninguém merece		
13h-13h30	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados.	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br.

R i o d e J a n e i r o
Quando você
gosta mesmo,
é para sempre.



Sorte nossa morar nesta cidade.



*Nenúfares (1904), óleo sobre tela de Claude Monet (81×100cm). Coleção privada.
(Leia mais sobre Monet e o impressionismo na página 5 desta edição)*

NÓS DA ESCOLA

**No próximo número:
Educação especial, conhecimento e linguagens**